

André Caliman

# O Mistério do Pirata Avarento



errante



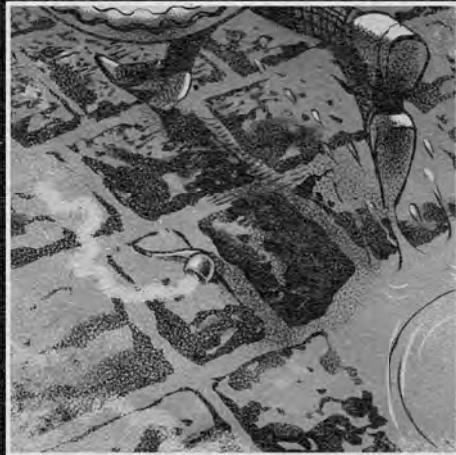








# *O Mistério do Pirata Avarento*



*Roteiro e Desenho  
André Caliman*

*Argumento  
Antonio Eder  
Walkir Fernandes  
André Caliman*

*Este livro possui, no decorrer de suas páginas,  
QR CODES localizados ao lado de certos quadros.*

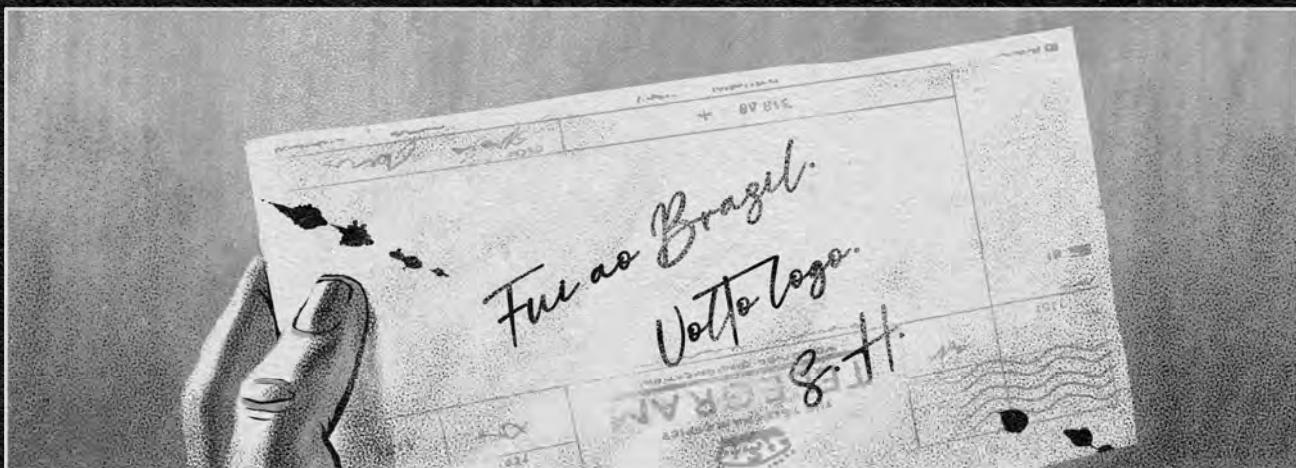
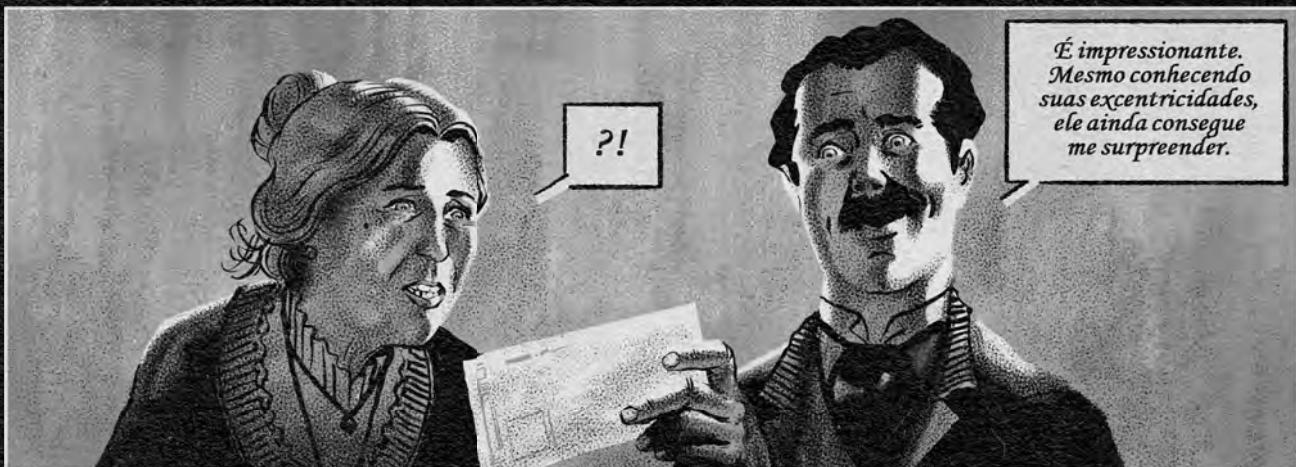
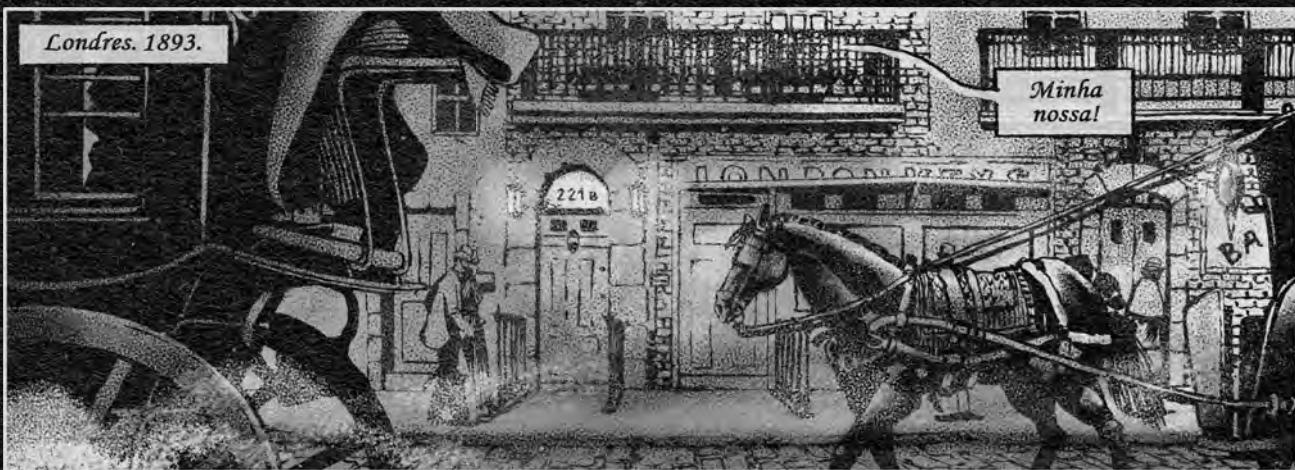


*Acesse-os para ser direcionado a vídeos exclusivos,  
com preciosas informações históricas.*

*Capítulo Um*

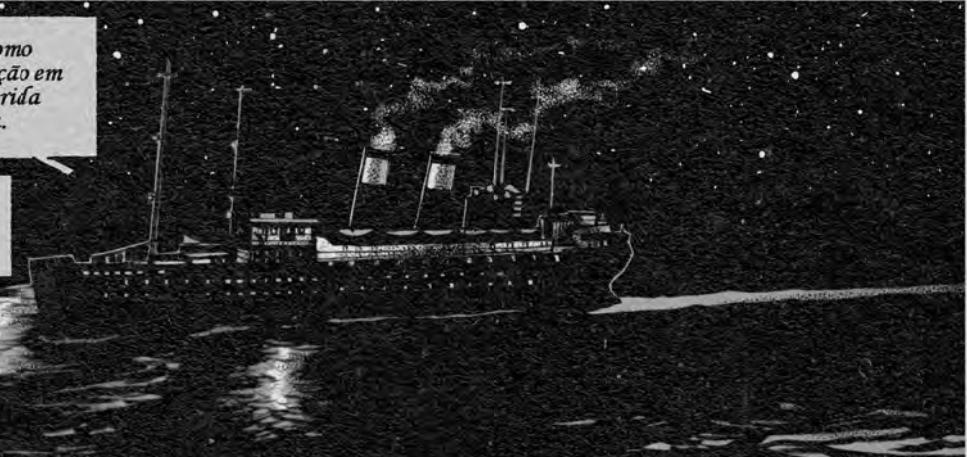
*“Desejas meu tesouro?!”*





Sr. Holmes, não sei como expressar minha satisfação em recebê-lo na nossa querida cidade de Curityba.

Agora já posso dizê-lo, pois nos encontramos próximos a terras brasileiras.



Ora, meu caro barão, o senhor bem sabe que sou eu quem recebe um grande favor nesta situação.

Ainda que eu ache exacerbada a insistência de Mycroft em me preservar de certos desdobramentos iminentes em Londres.



Sinto por seus infortúnios particulares. Mas espero que a mudança de ares e os festejos de comemoração de duzentos anos da fundação de nossa cidade possam distraí-lo.

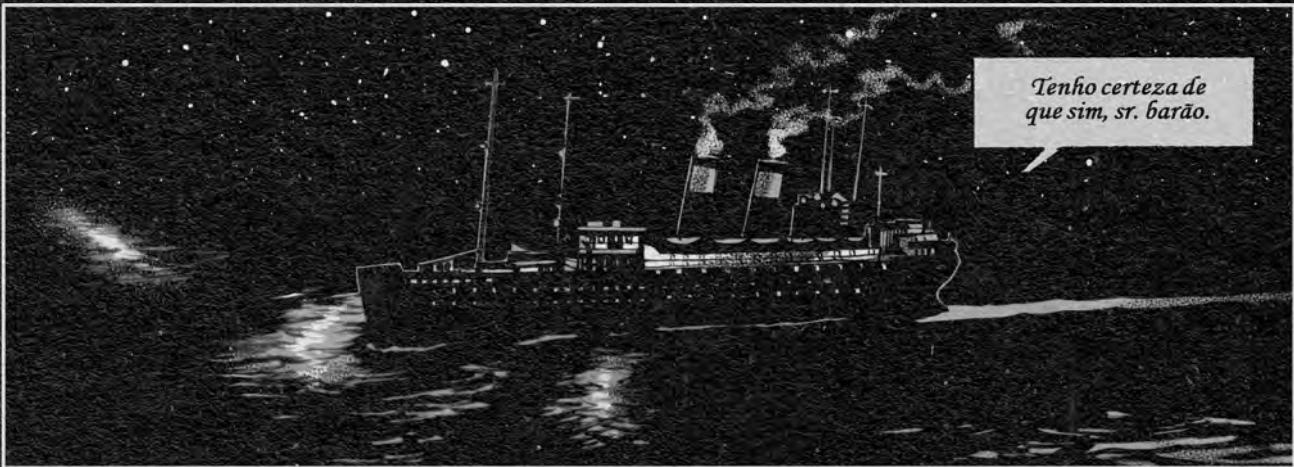


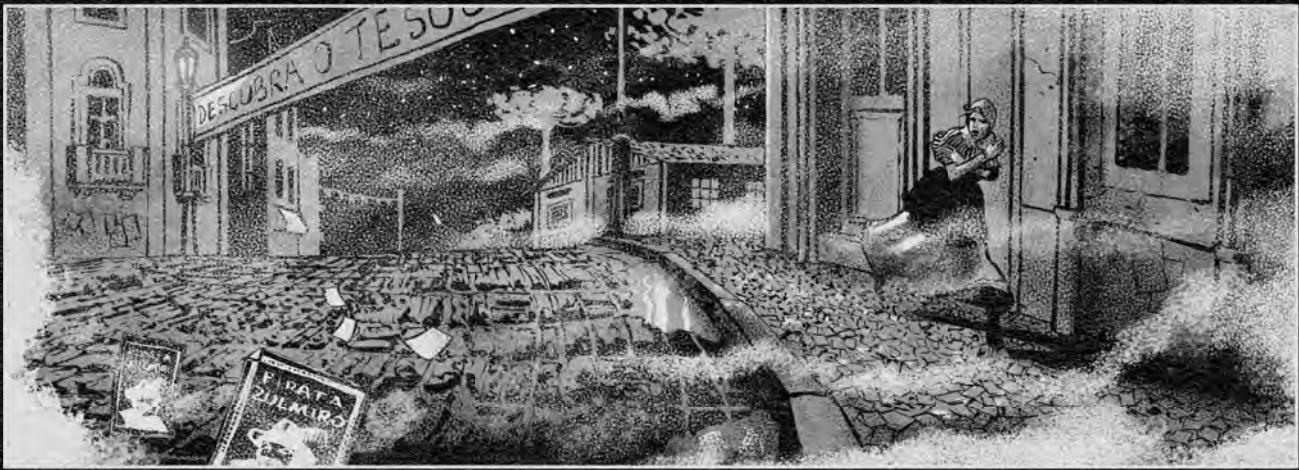
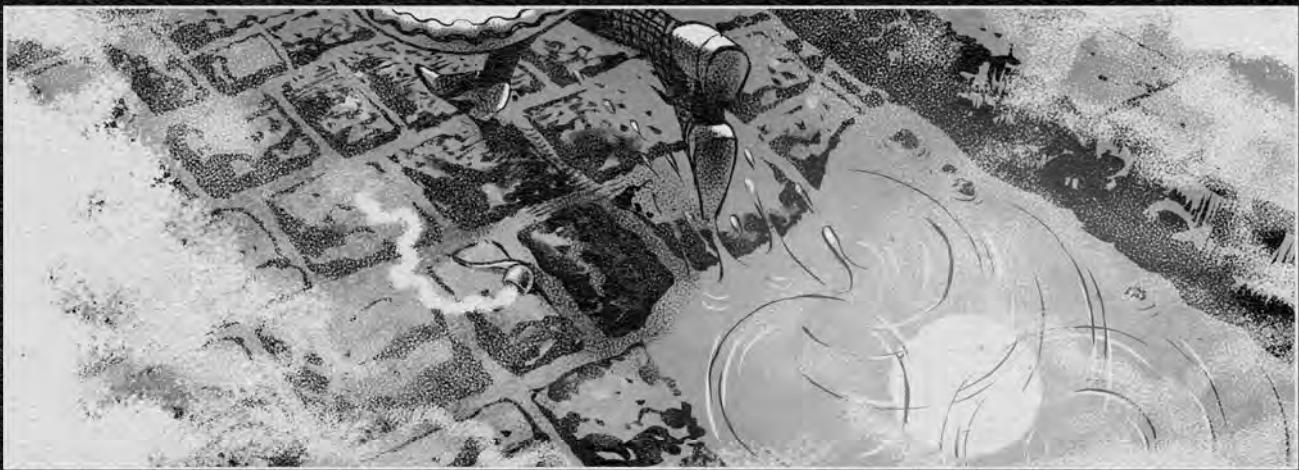
Curityba ainda é jovem, mas muito promissora.

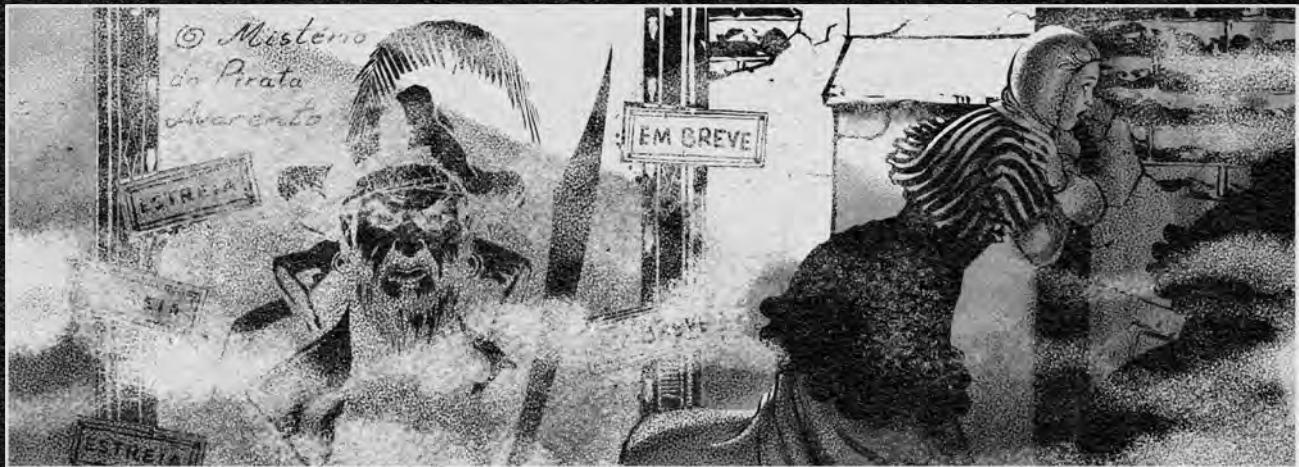
Tenho certeza de que sim.

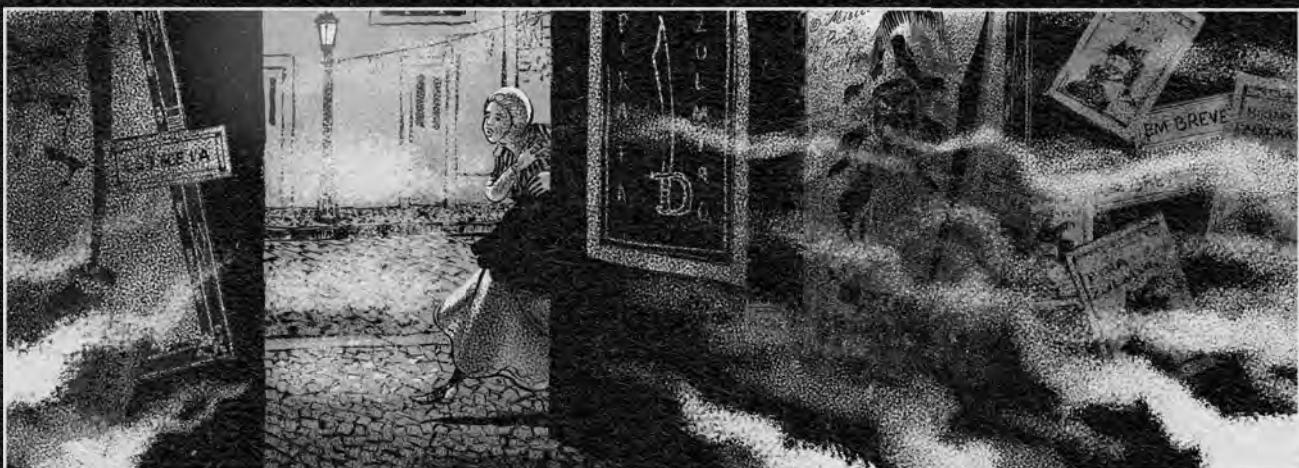




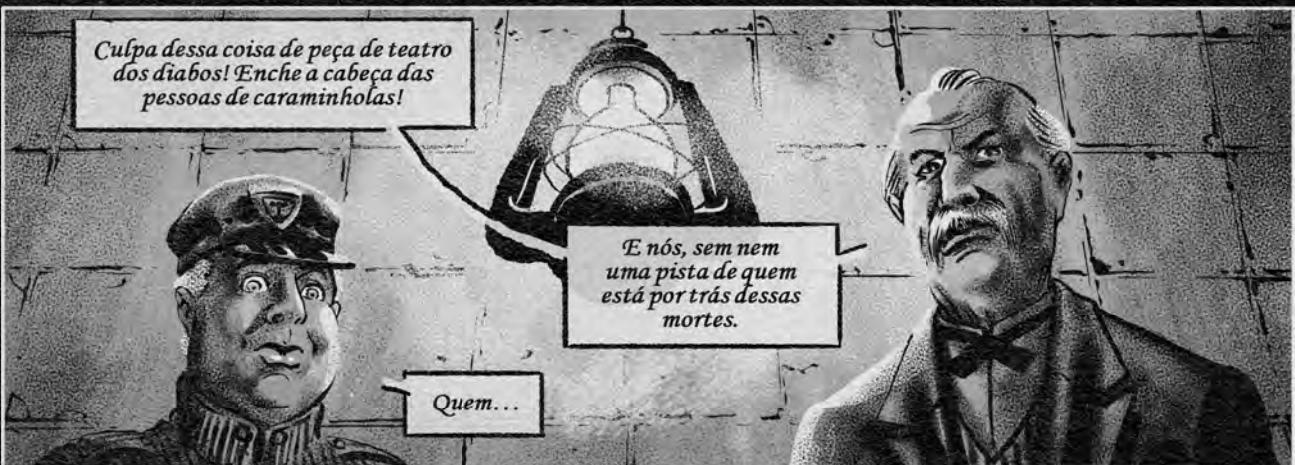
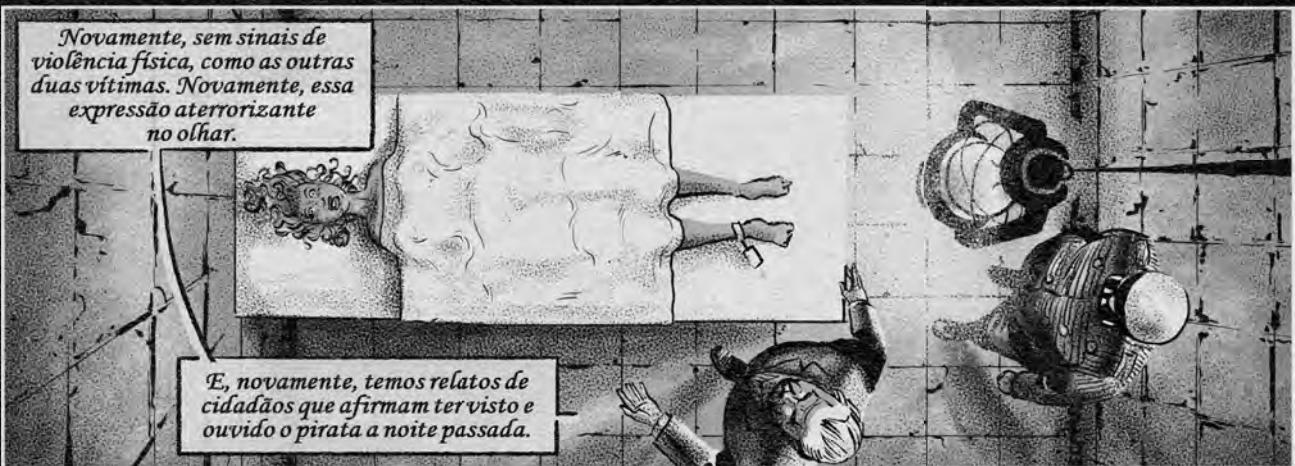


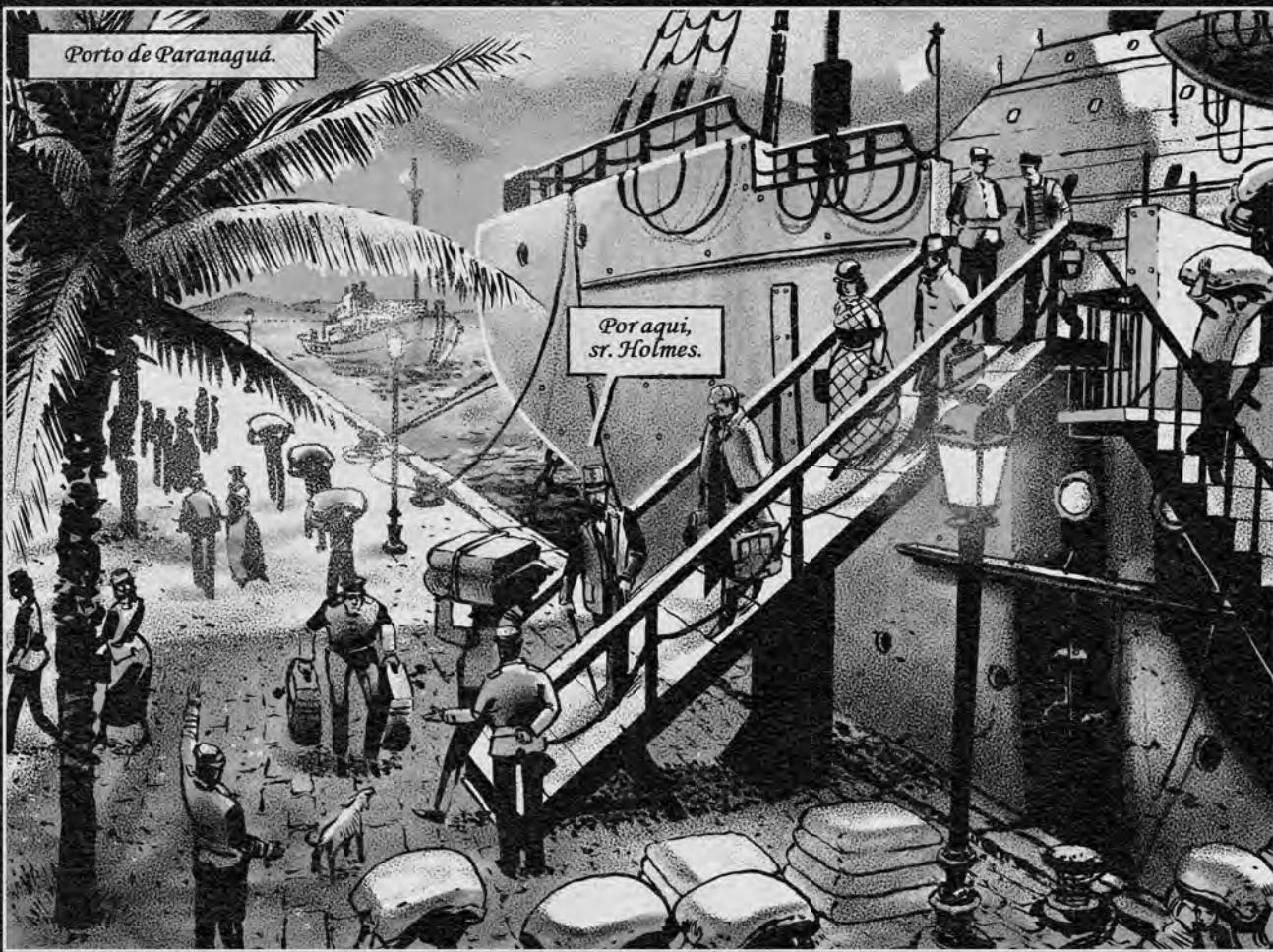




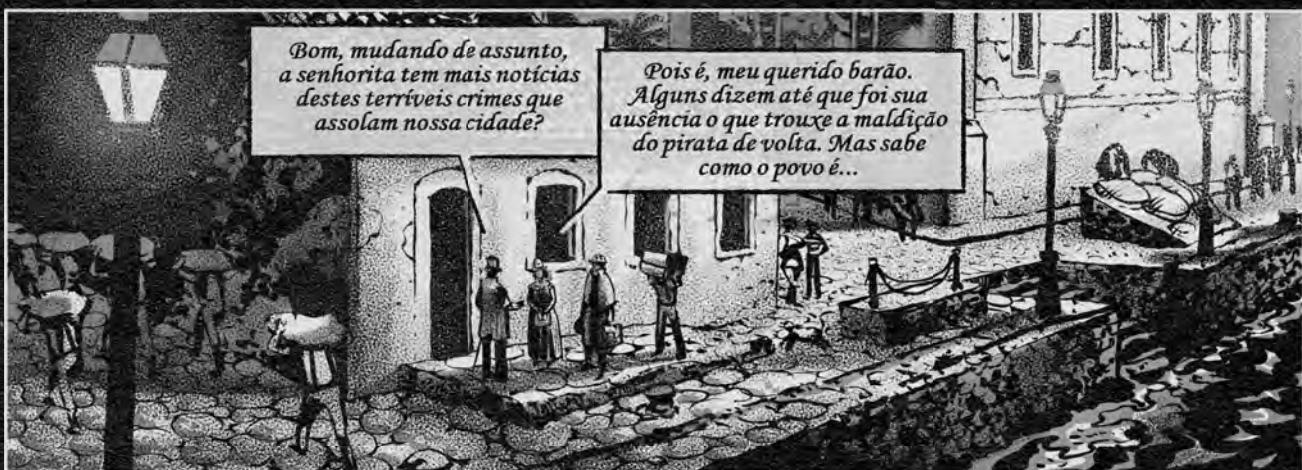
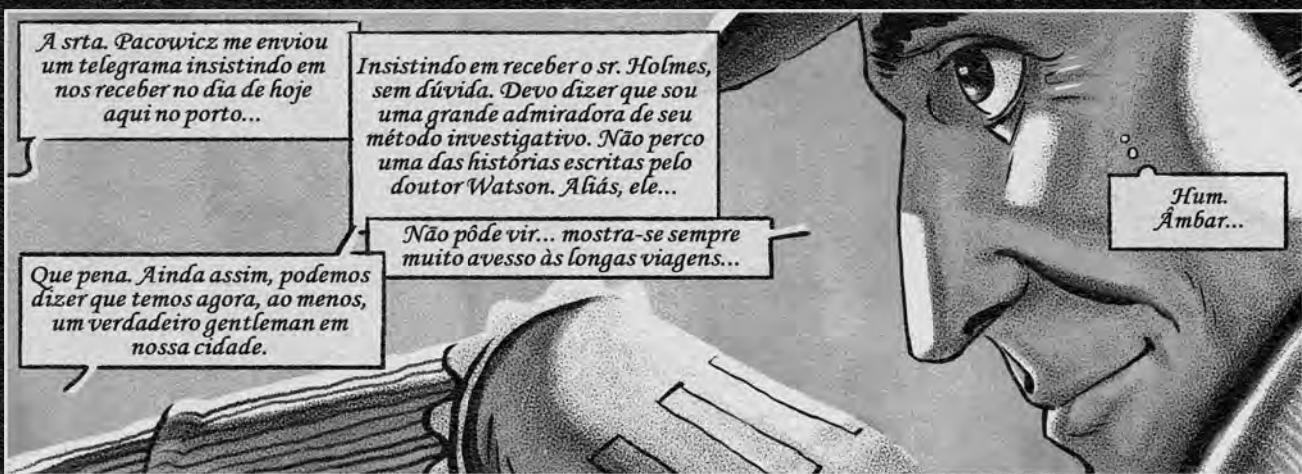


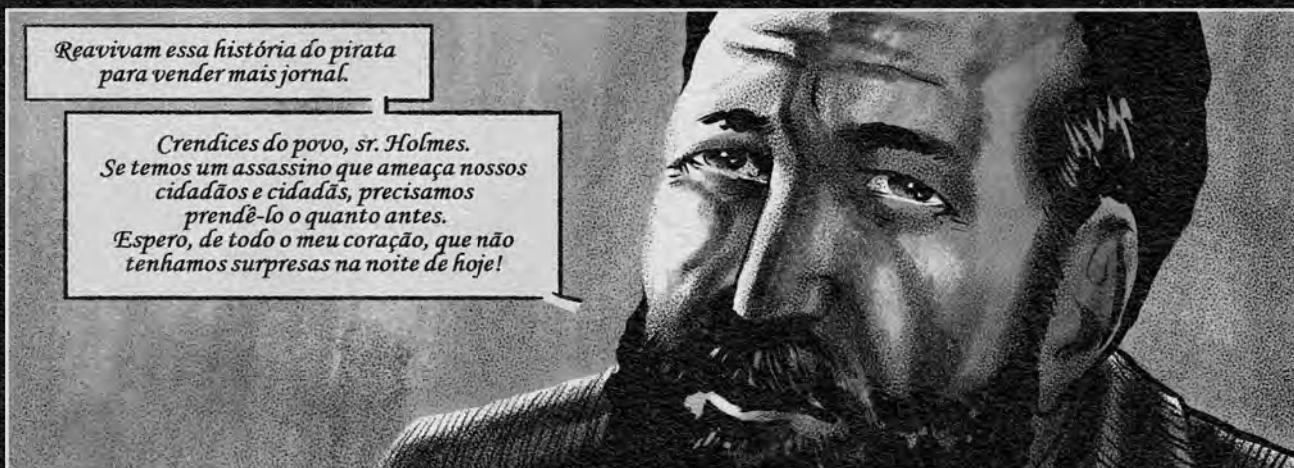
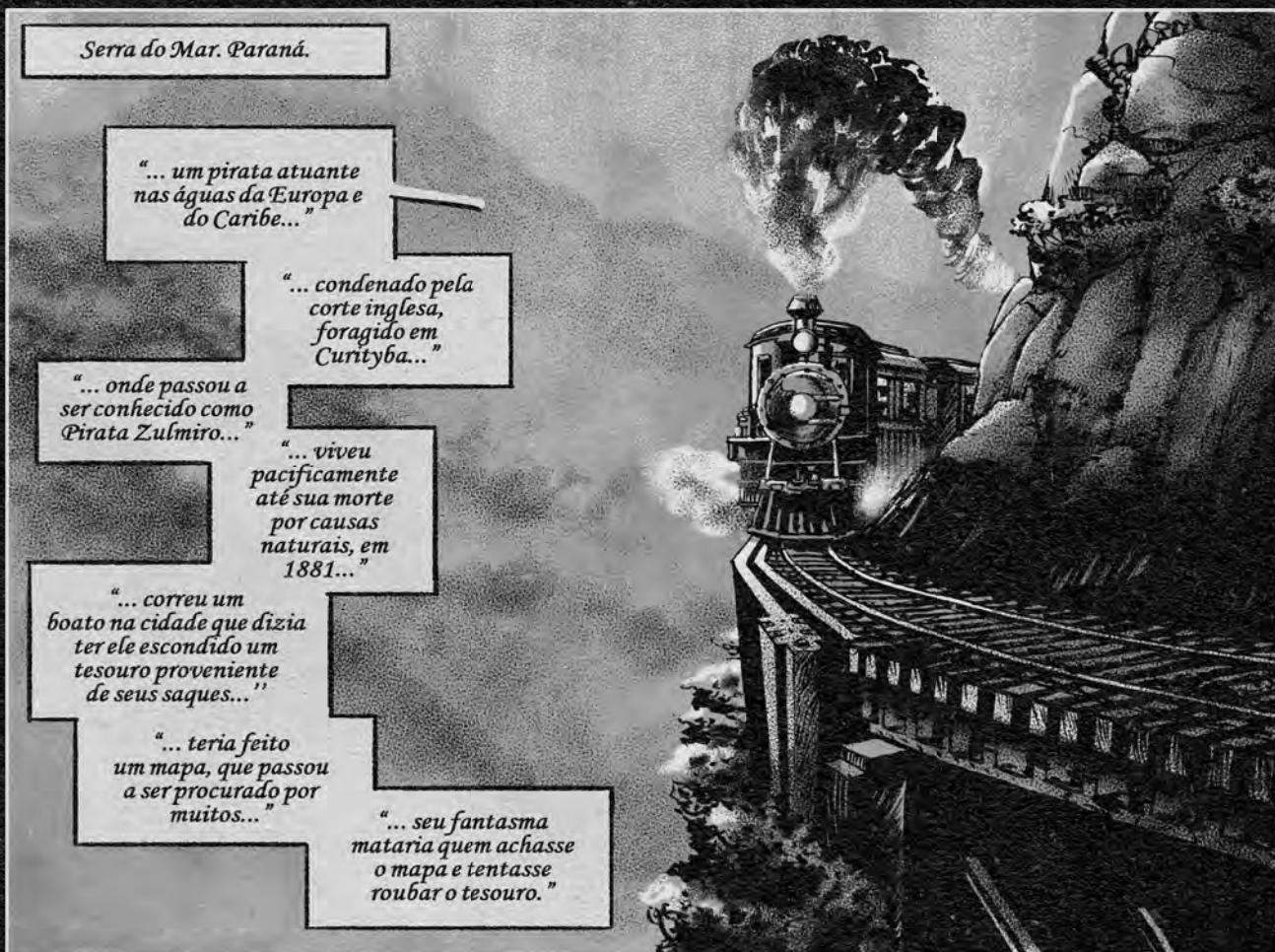






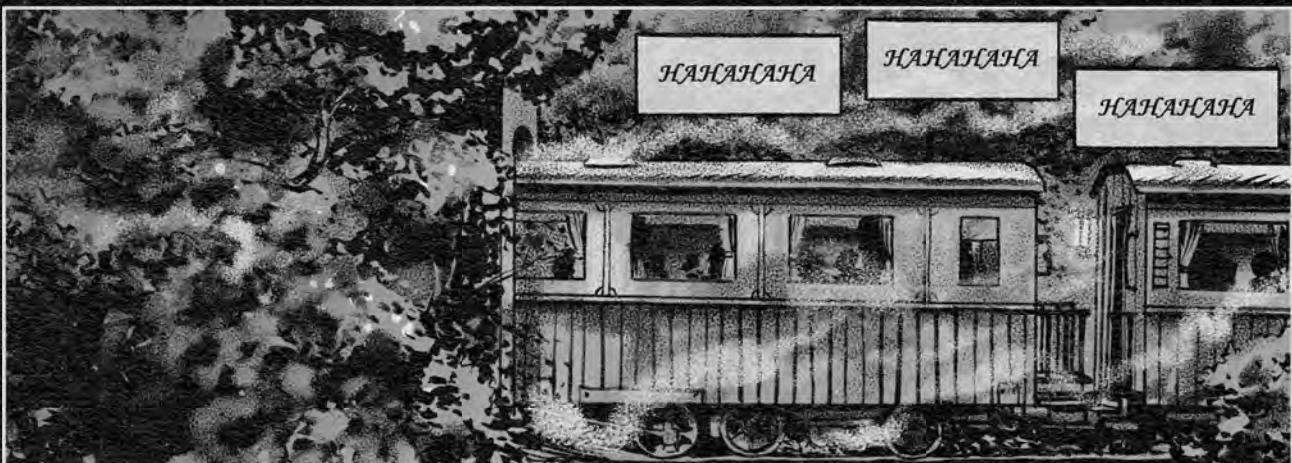


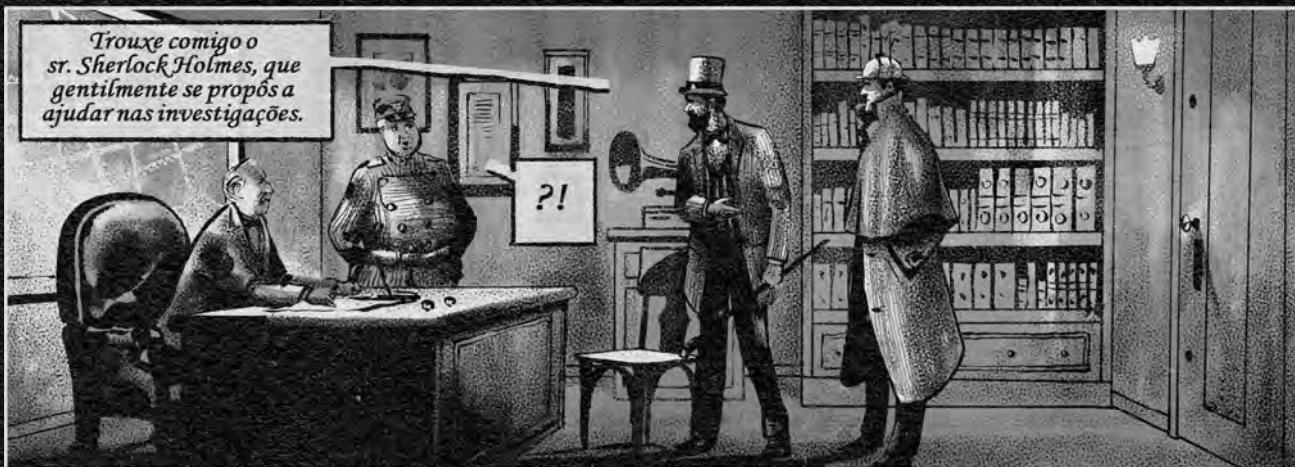
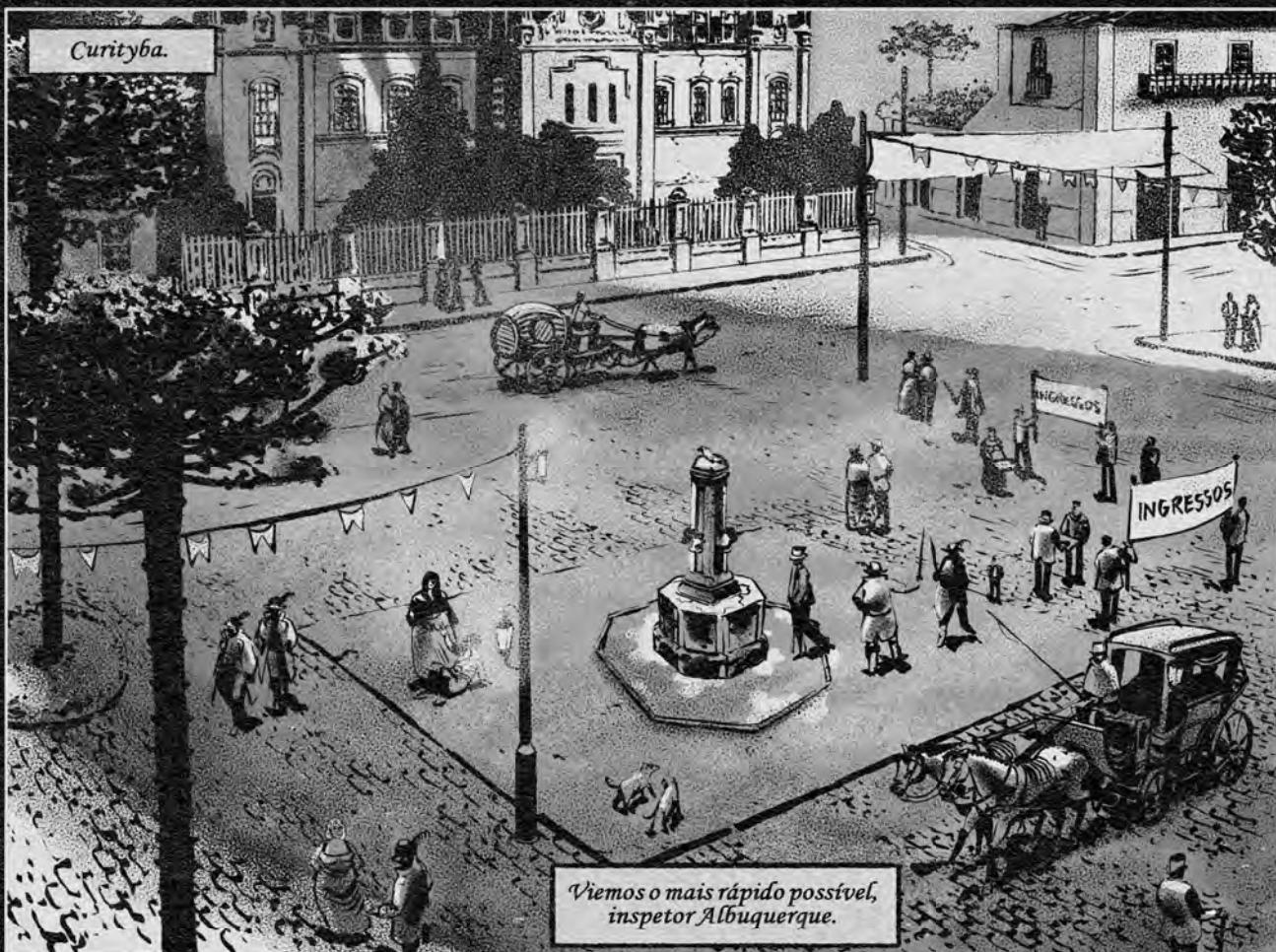




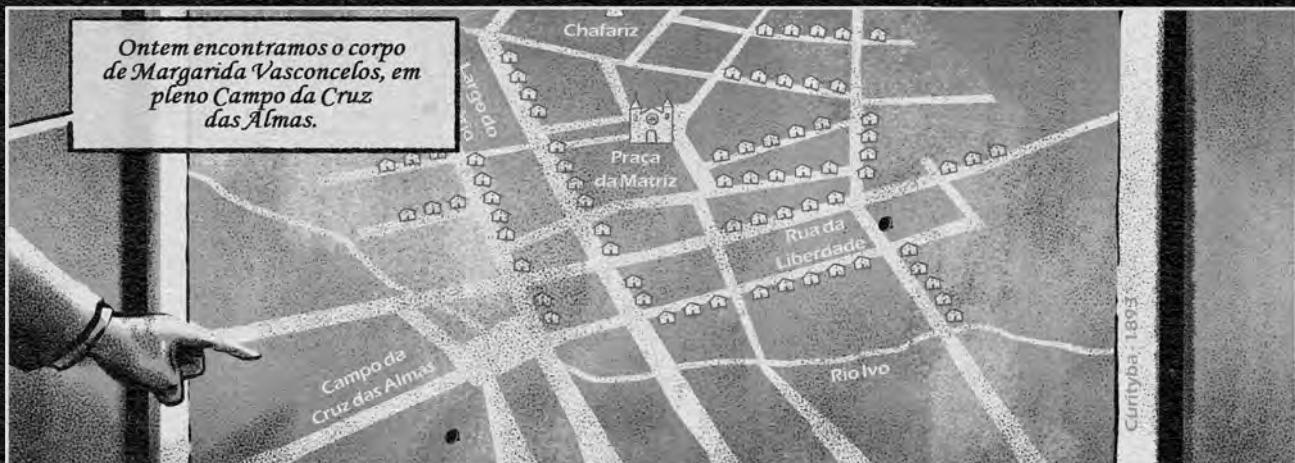






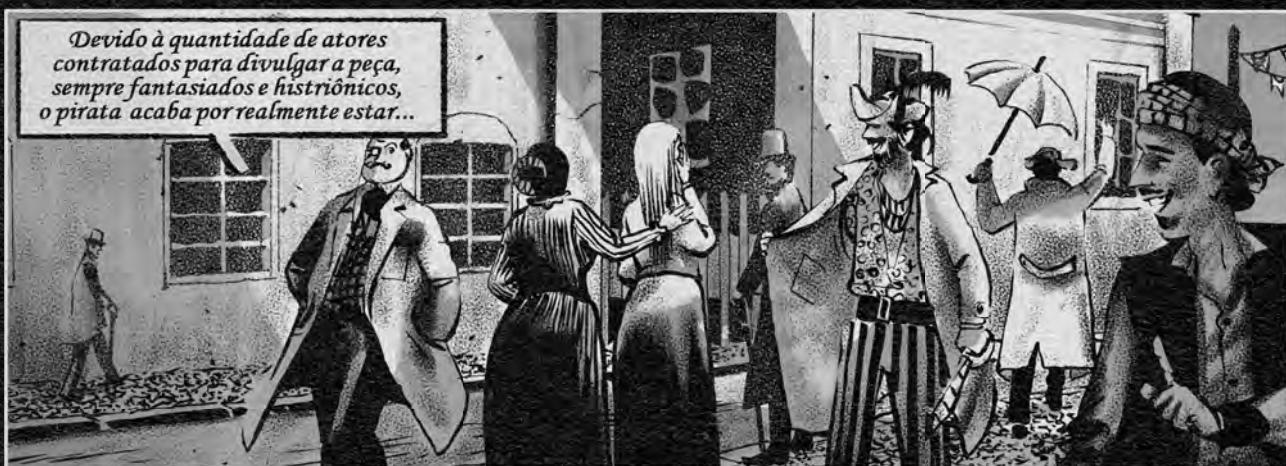


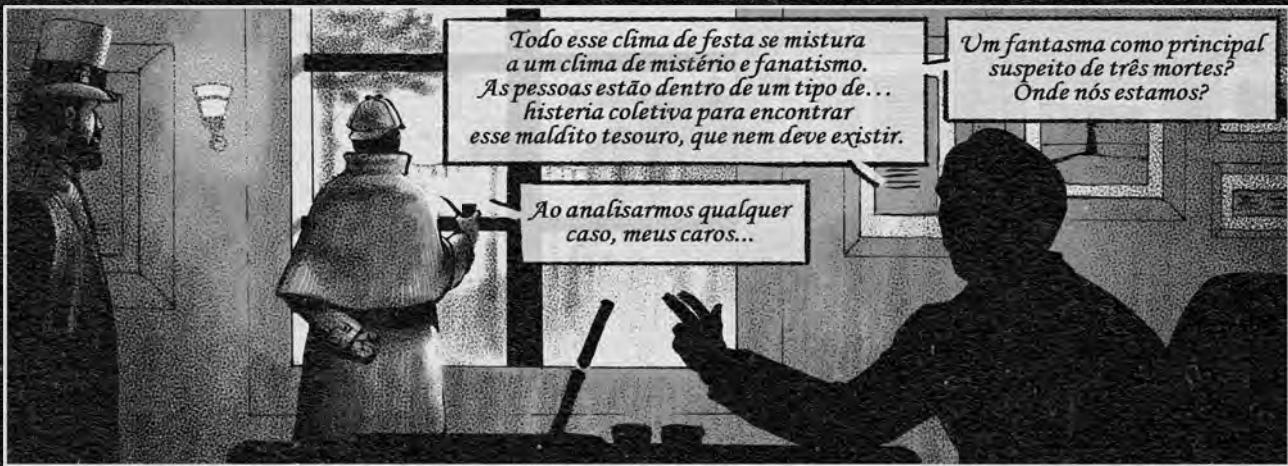




Curitiba, 1893









*Capítulo Dois*

“Sher... Souco ?!”



# HERVA MATE DO BARÃO

CURITYBA

PARANÁ

- BRASIL -

*As outras bem tentam disfarçar mas somente a  
Herva Mate do Barão é inconfundível!*

*Não há mistério!*

*Aqui está o verdadeiro tesouro dos pinheirais!*

*Diga adeus ao fantasma da indisposição! Além de saborosa,  
manterá V.Sa. saudável, aquecido e com o espírito elevado!*

*Encontra-se à venda em todas as boas casas.*



## ATENÇÃO!

O Regimento de Segurança de  
Curityba alerta para que as moças  
não andem desacompanhadas,  
principalmente após o anoitecer,  
por conta dos relatos de ataques a  
donzelas pelo fantasma do pirata.

## CASA 7 DE SETEMBRO

Alfaiataria civil e militar

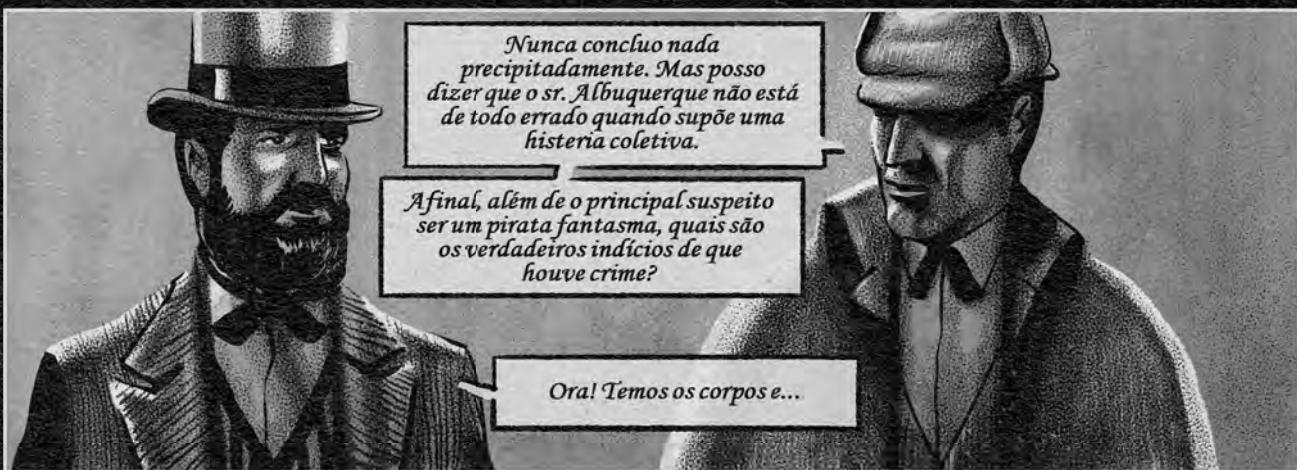
Fundada em 1839

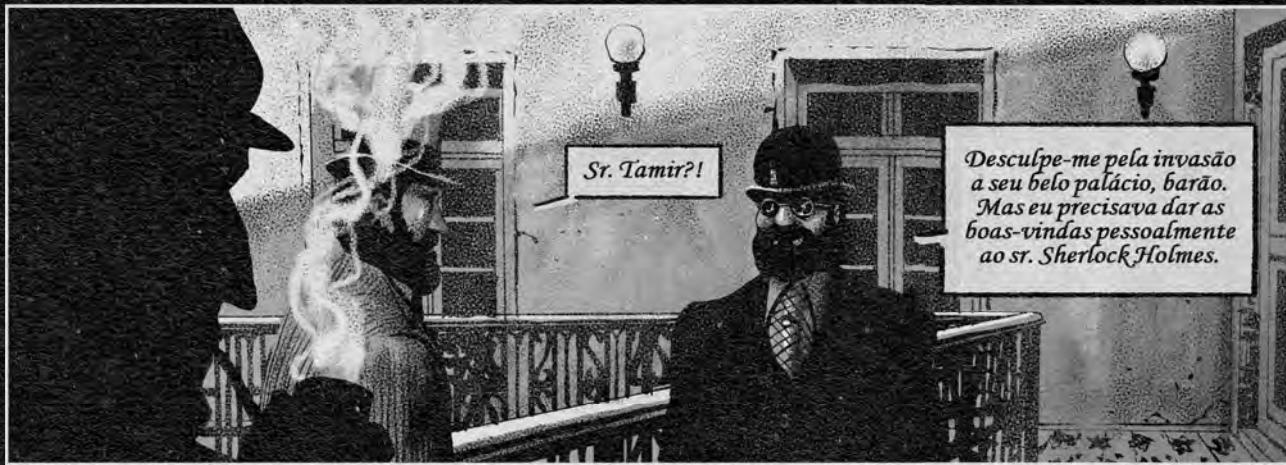
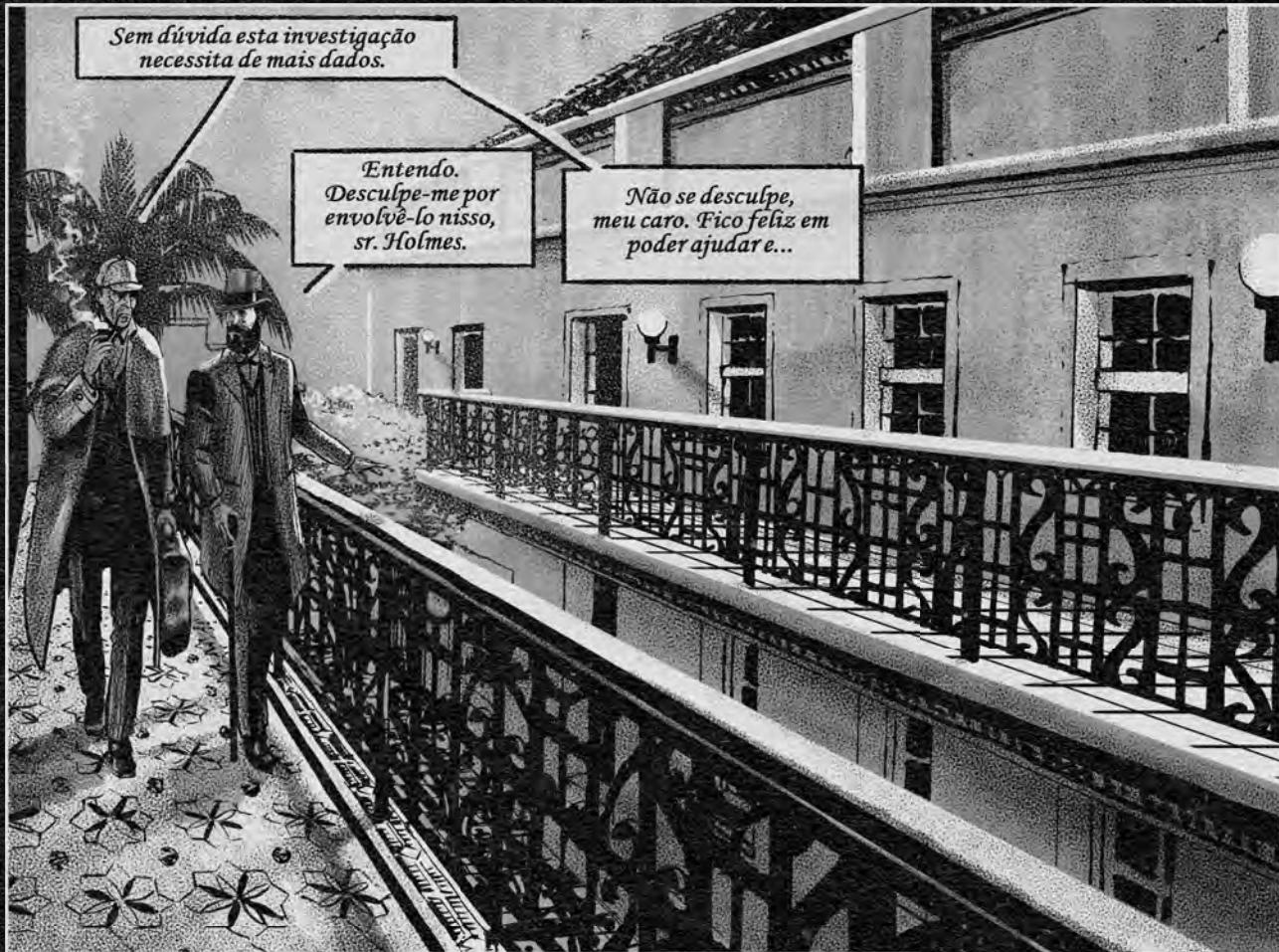
Elegantes uniformes e confecção de trajes masculinos.  
Últimas novidades e modelos parisienses.  
Escolhido sortimento de sabres, dragonas, sarjas e casimiras

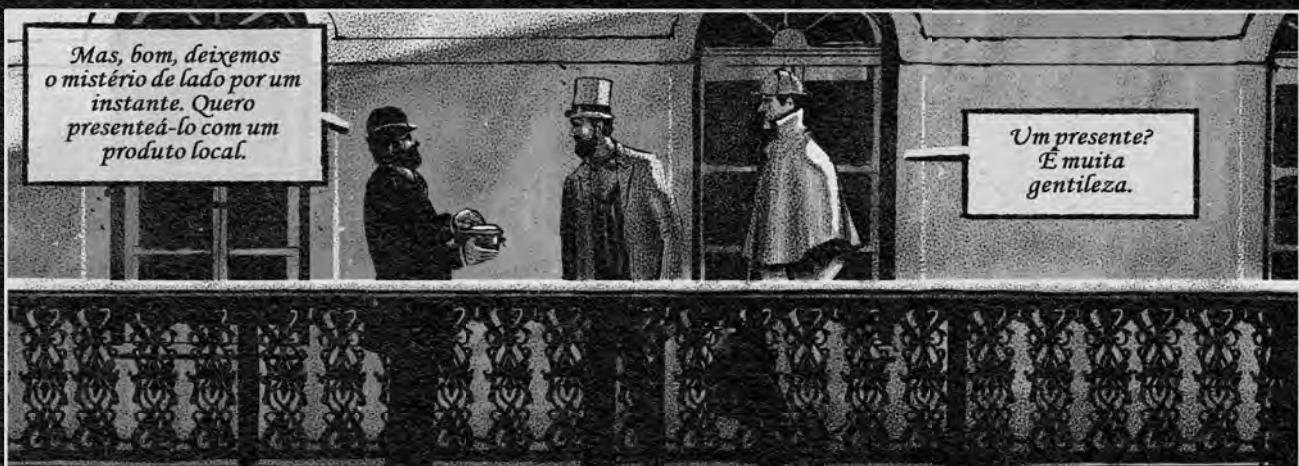
Rua do Fogo n.13 — Curityba



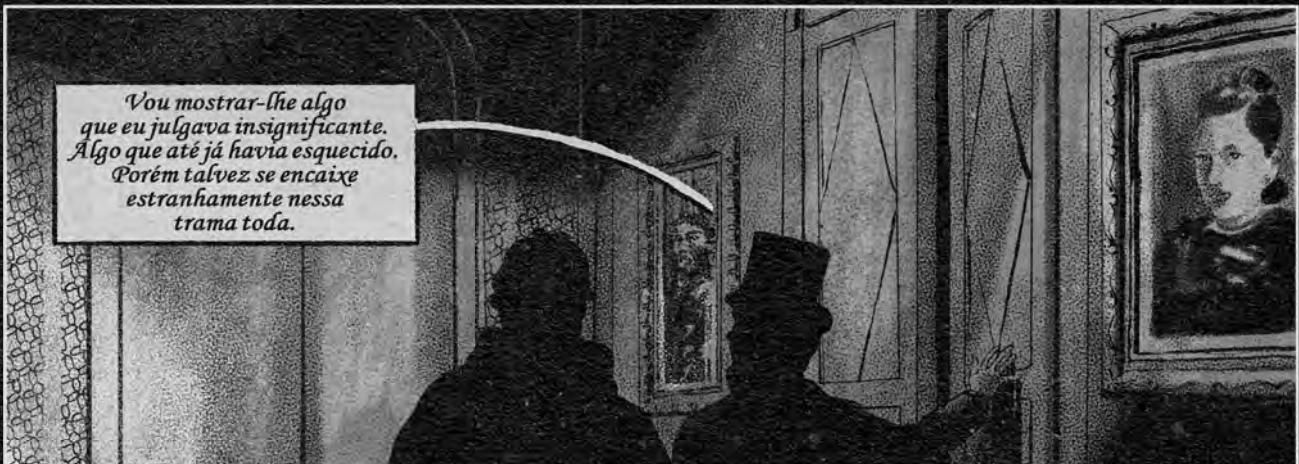
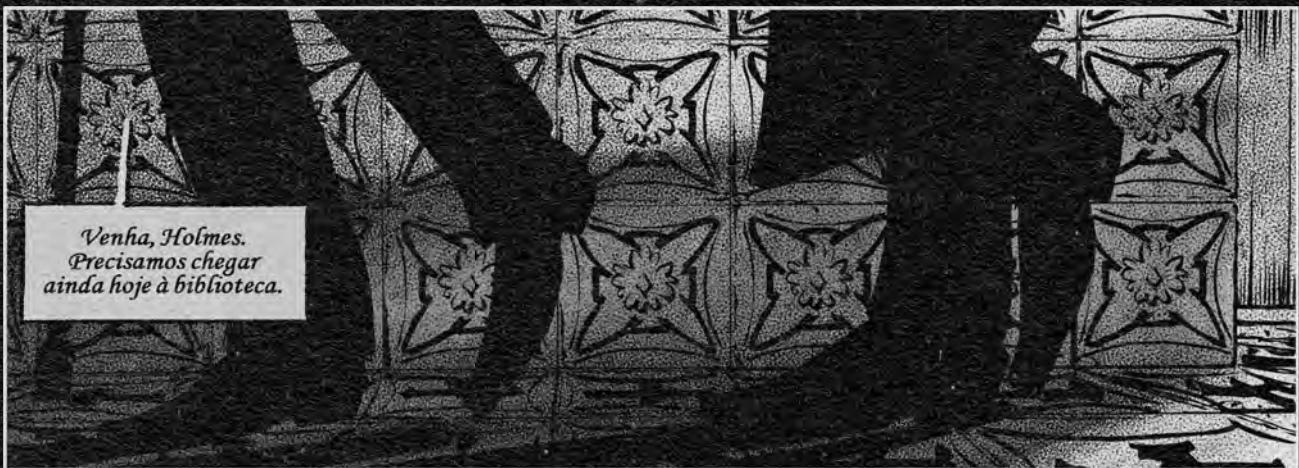
E então, alguma ideia sobre esse mistério?



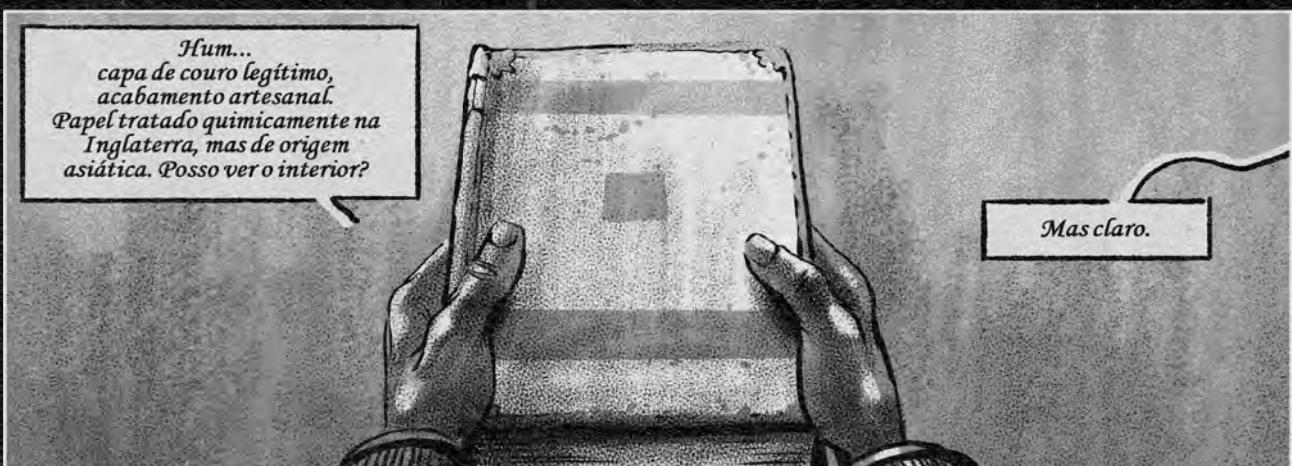
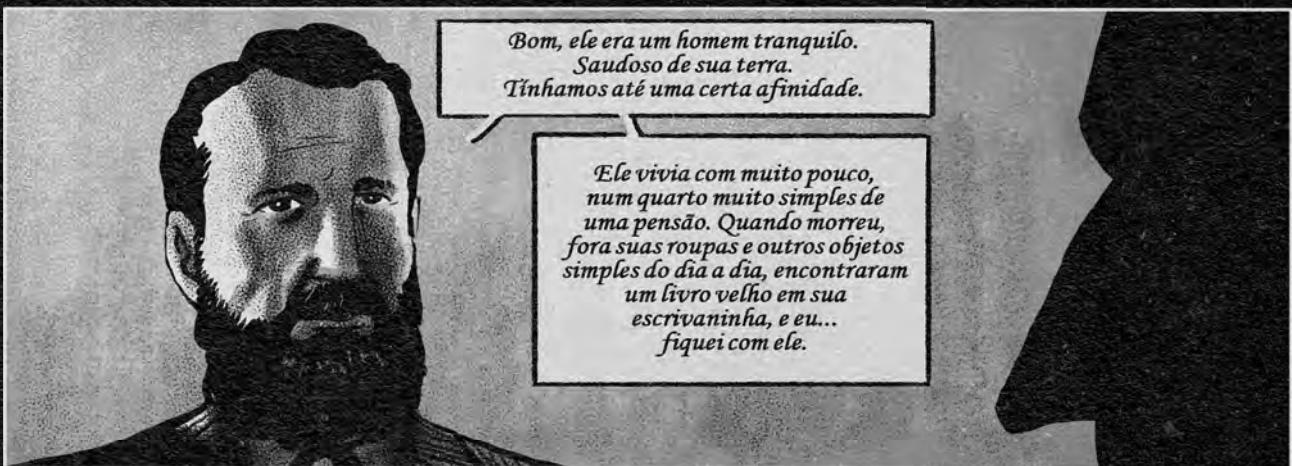


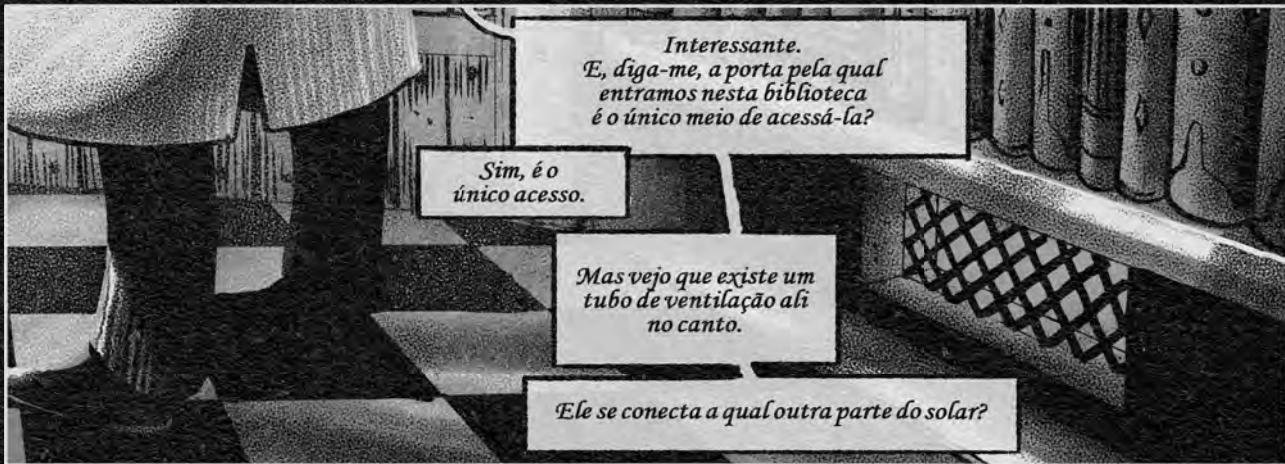
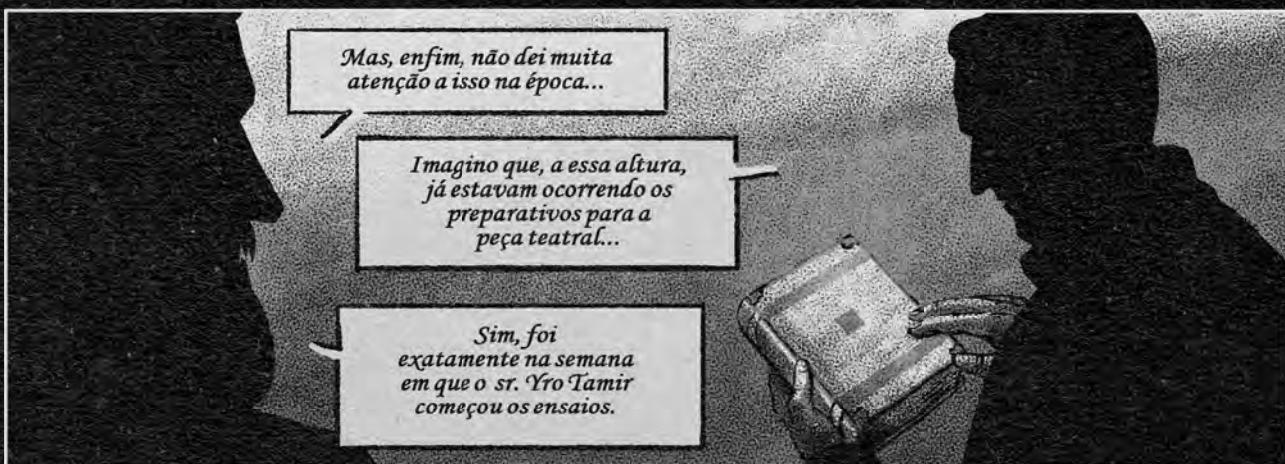
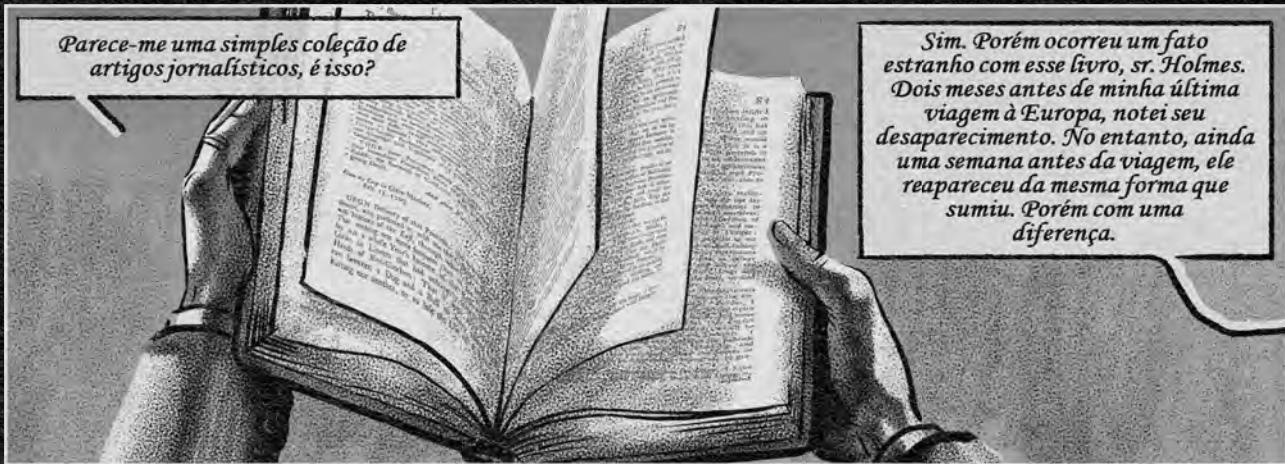


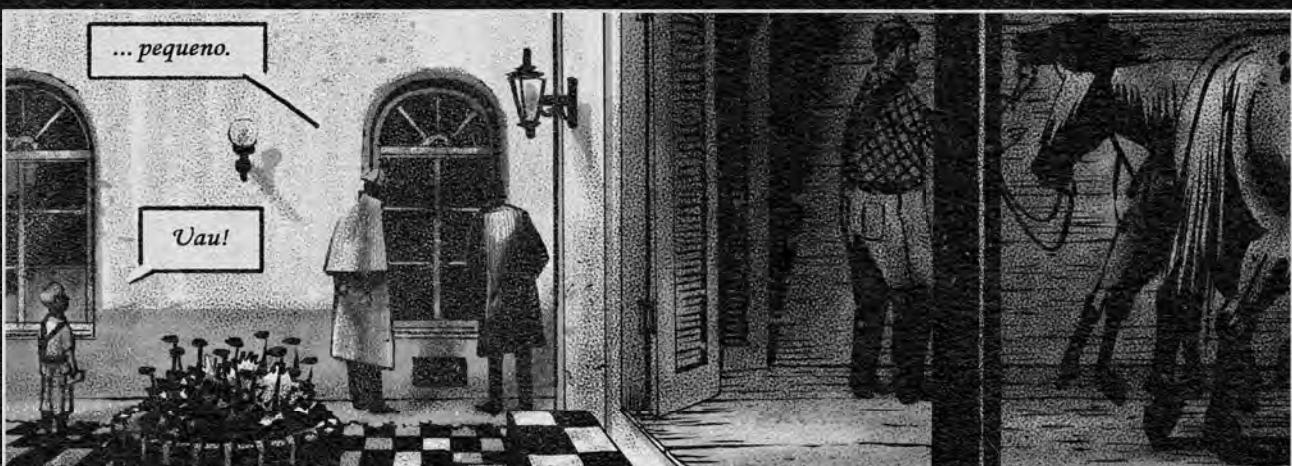
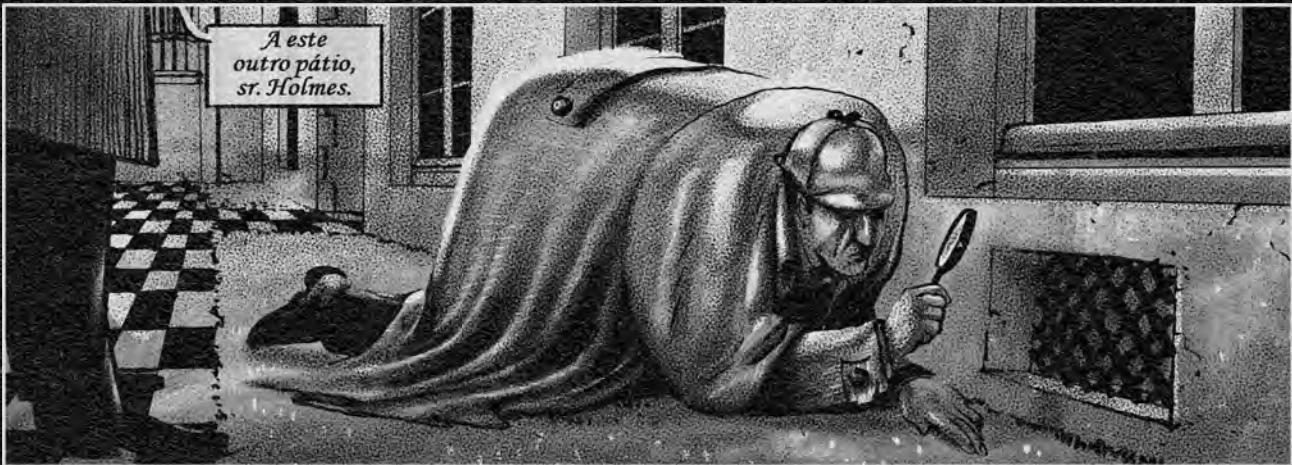


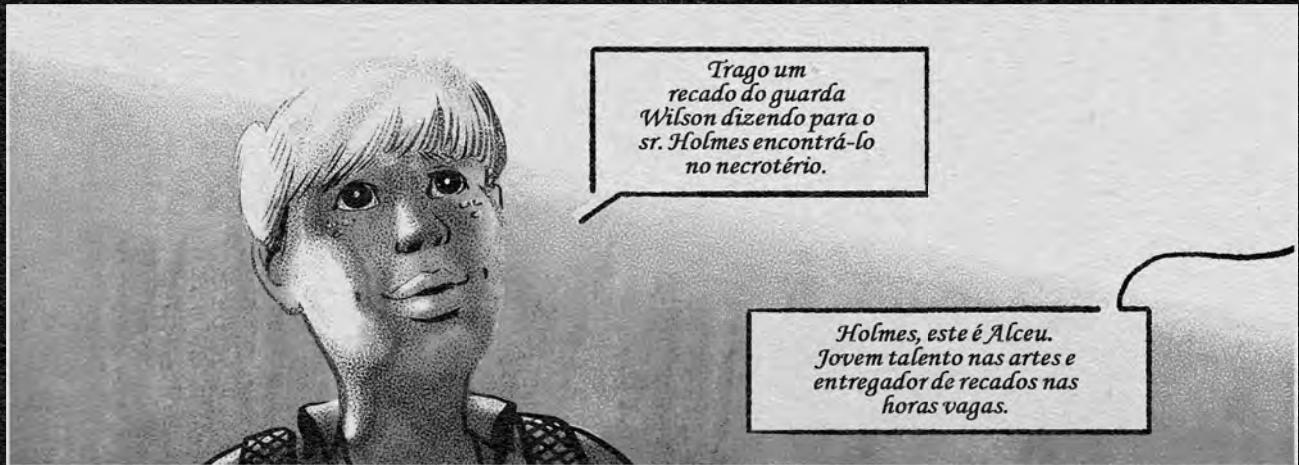












Holmes, este é Alceu. Jovem talento nas artes e entregador de recados nas horas vagas.



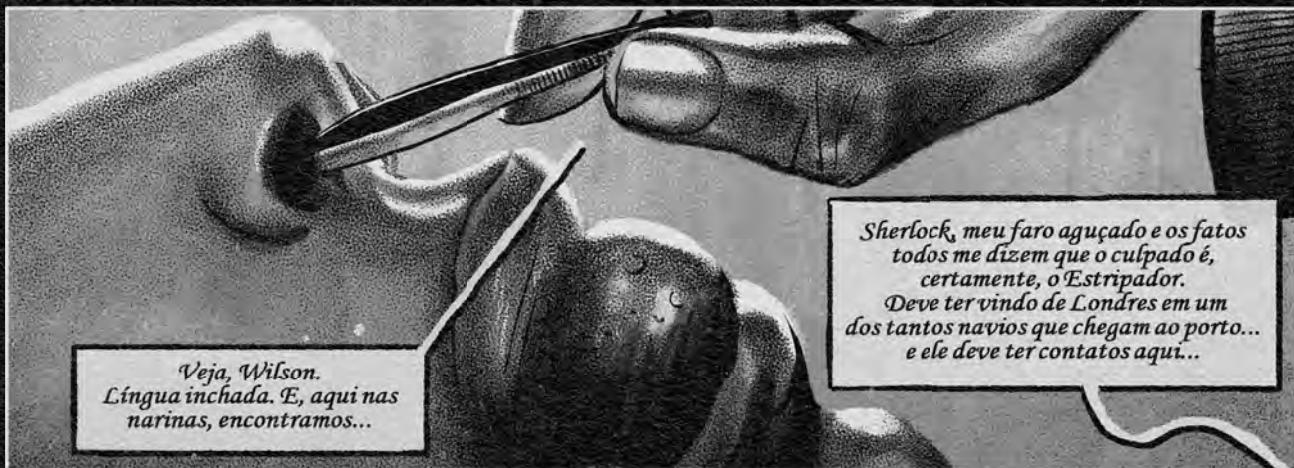
Agradeço-lhe pela preocupação, mas assim que guardar minhas malas, gostaria que um cocheiro me acompanhasse até o necrotério. Me sinto bem disposto, apesar da longa viagem.

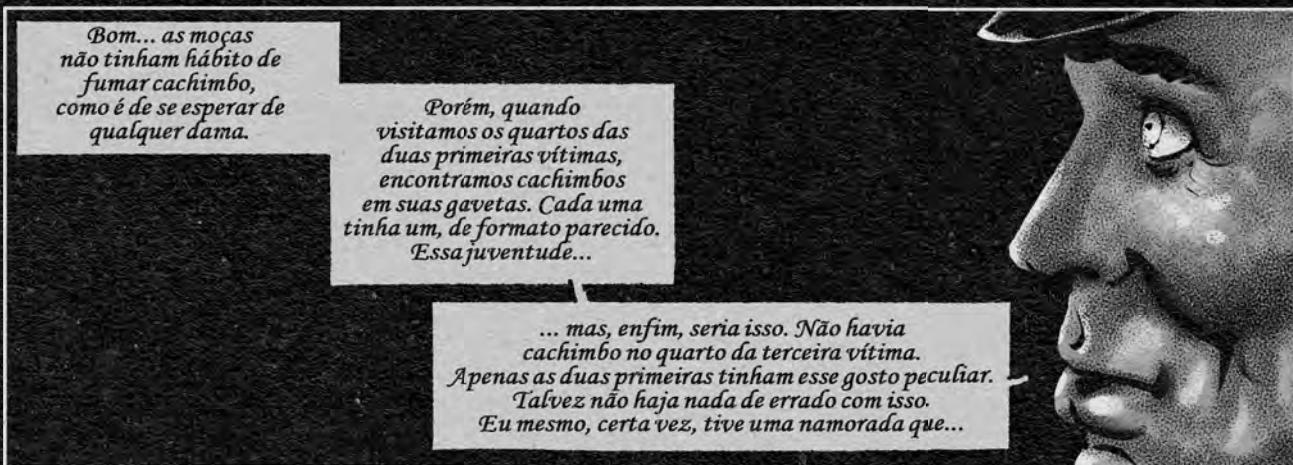
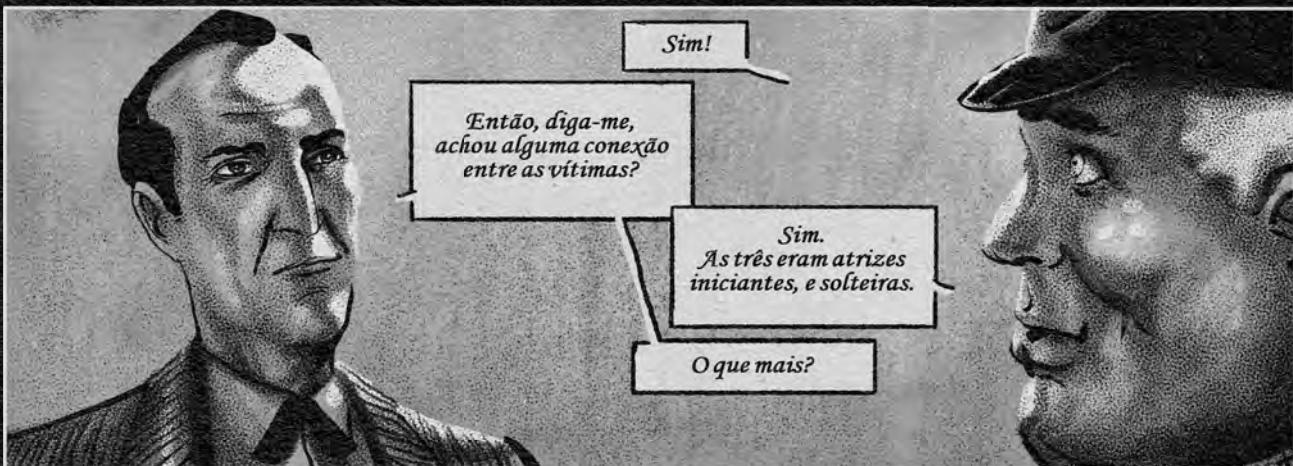


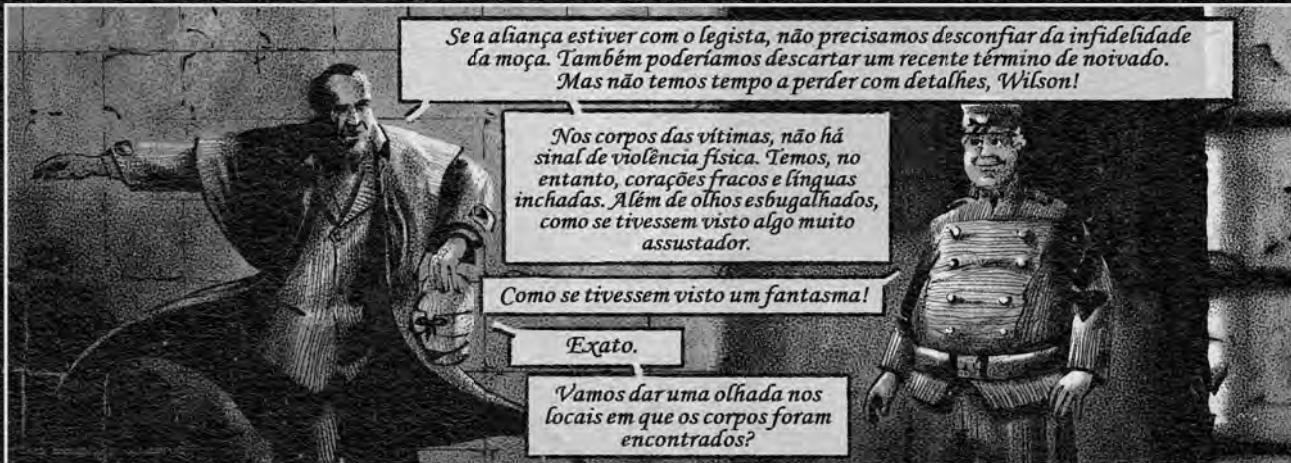
Então assim será.

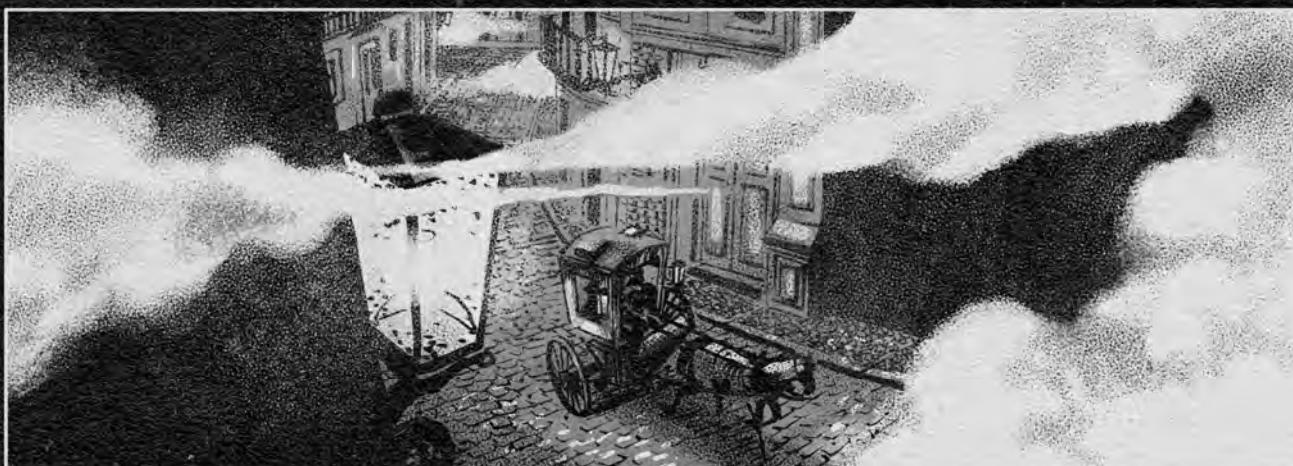
Posso também ficar com o livro, por ora?

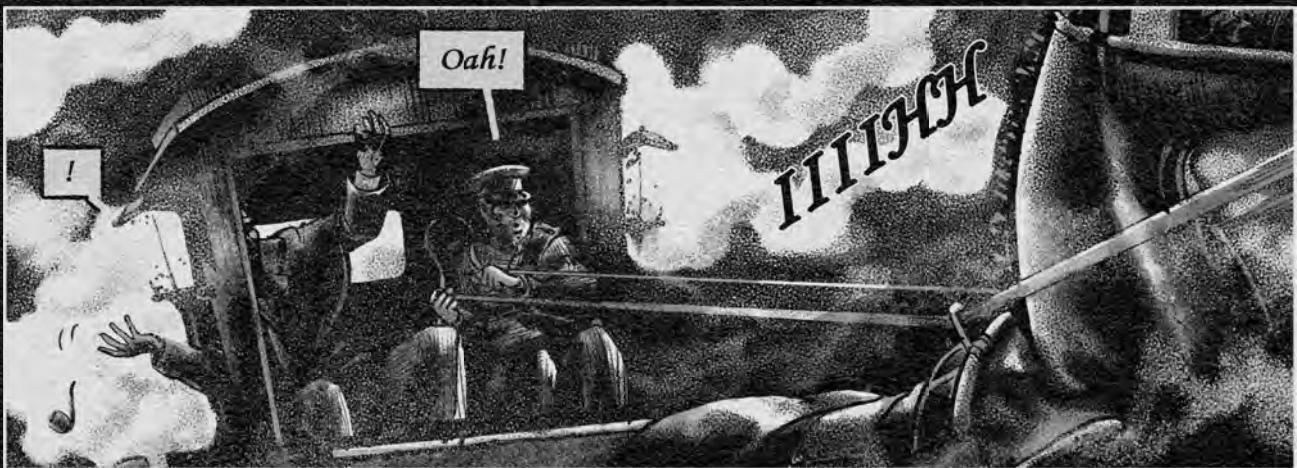
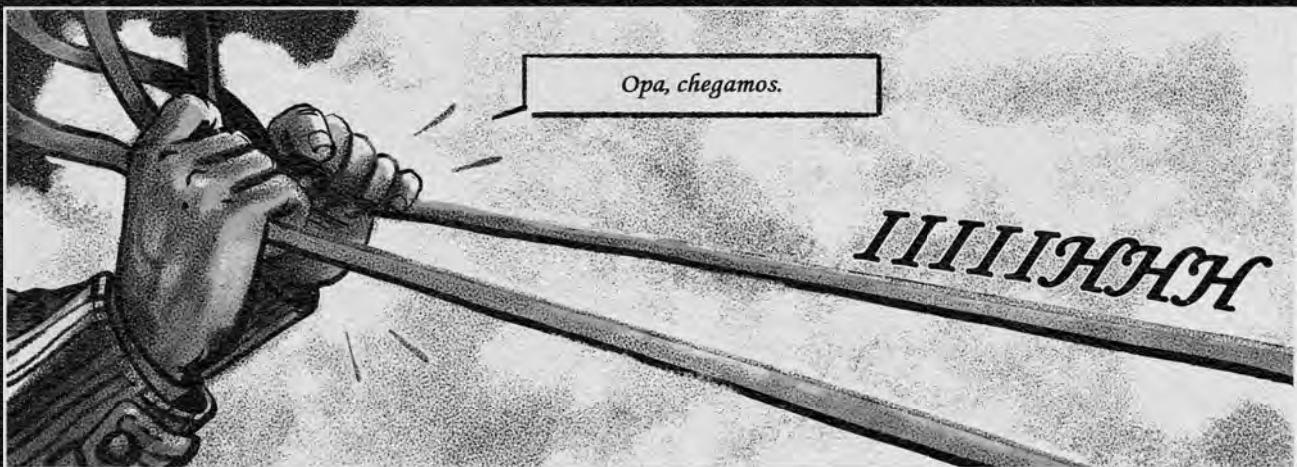


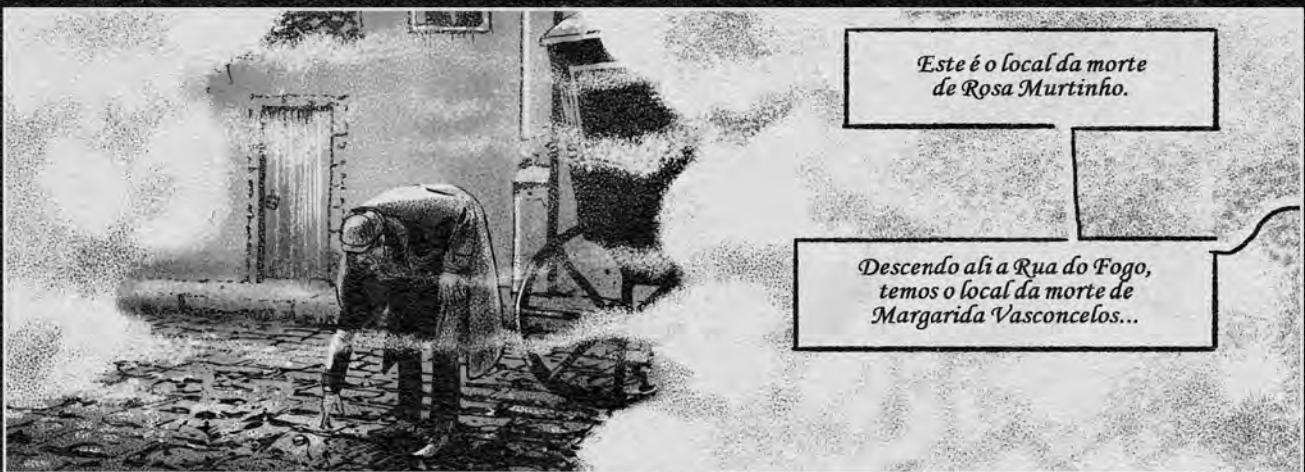












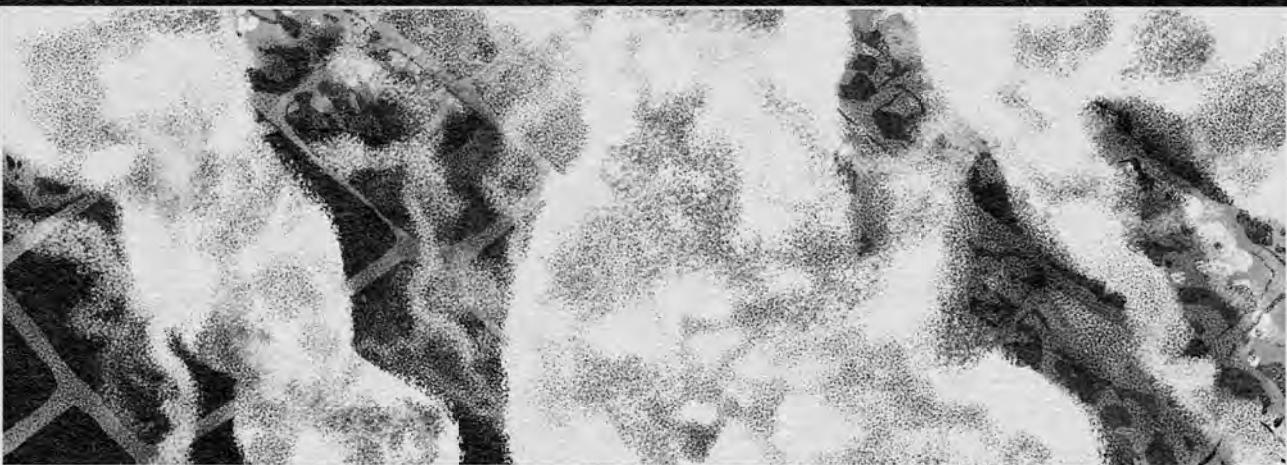


Tem razão, Wilson.  
A névoa está espessa demais  
para qualquer investigação.

Eu lhe disse, parceiro.

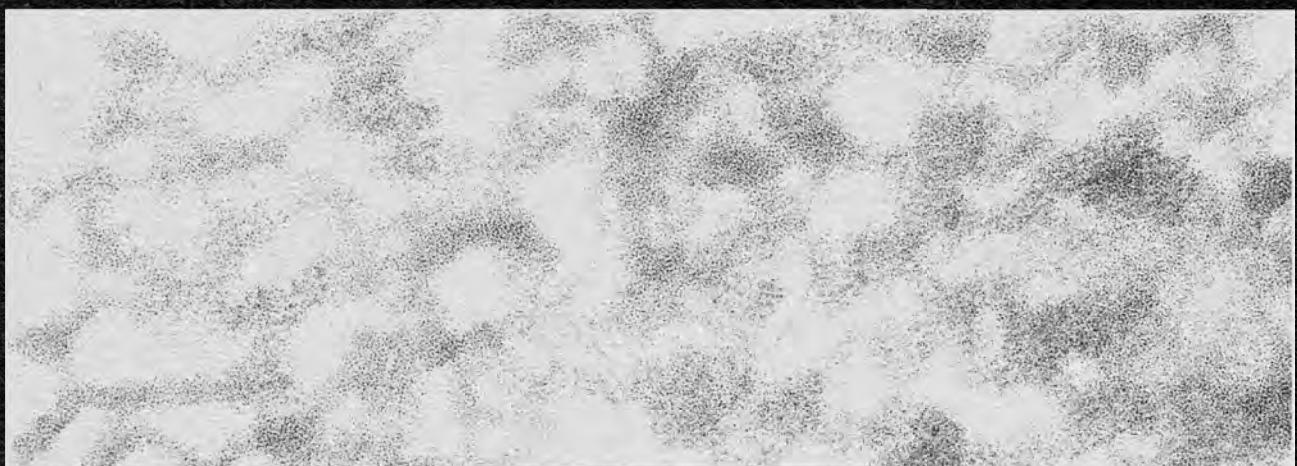


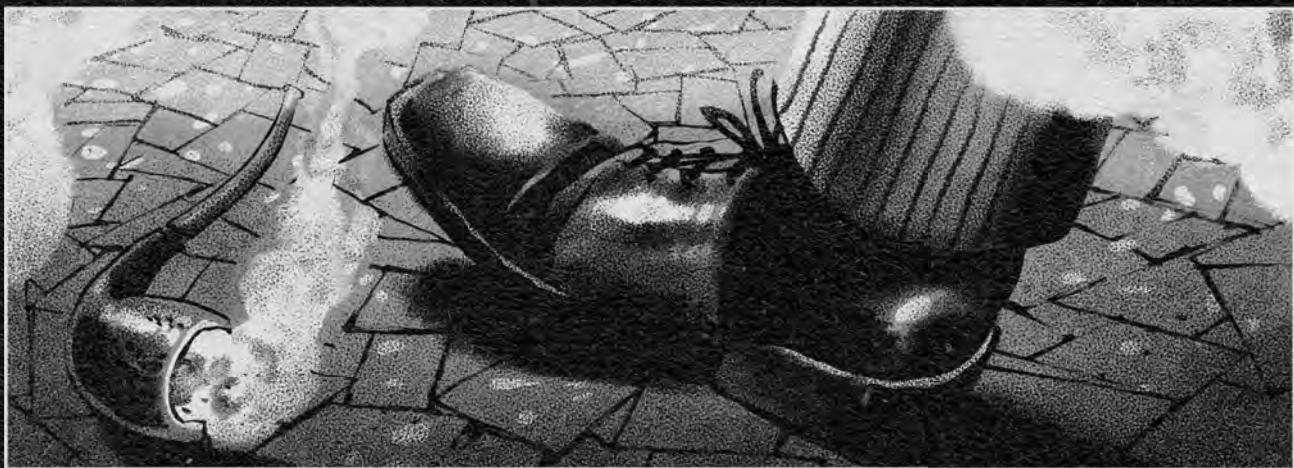
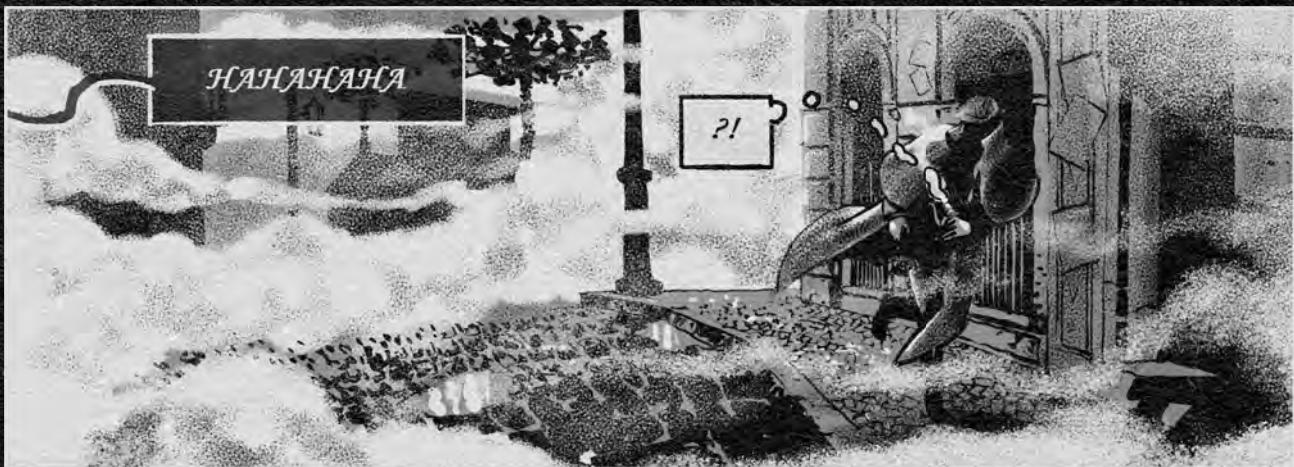
Uma noite perfeita para uma  
aparição fantasmagórica, não acha?



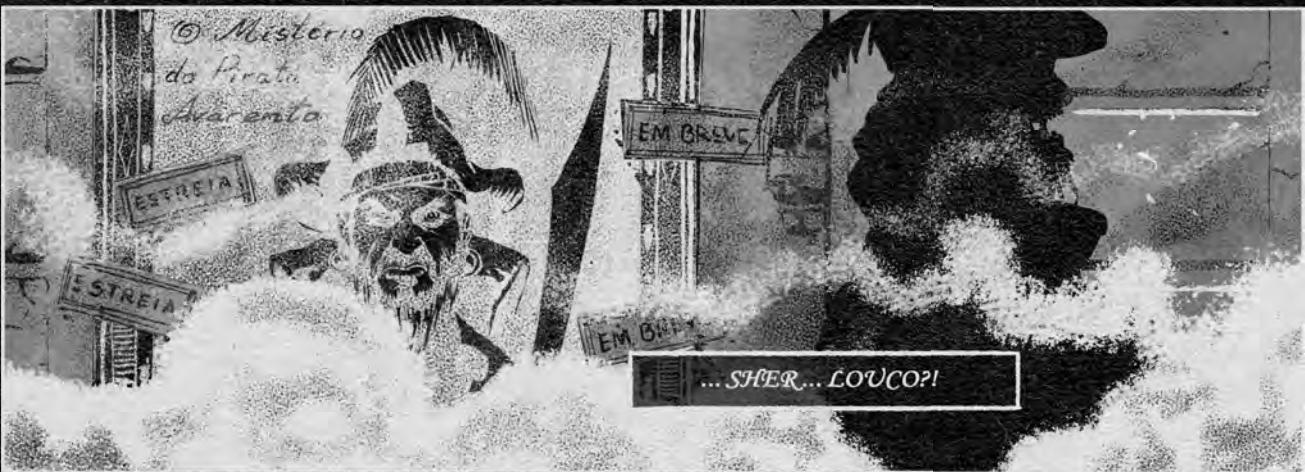
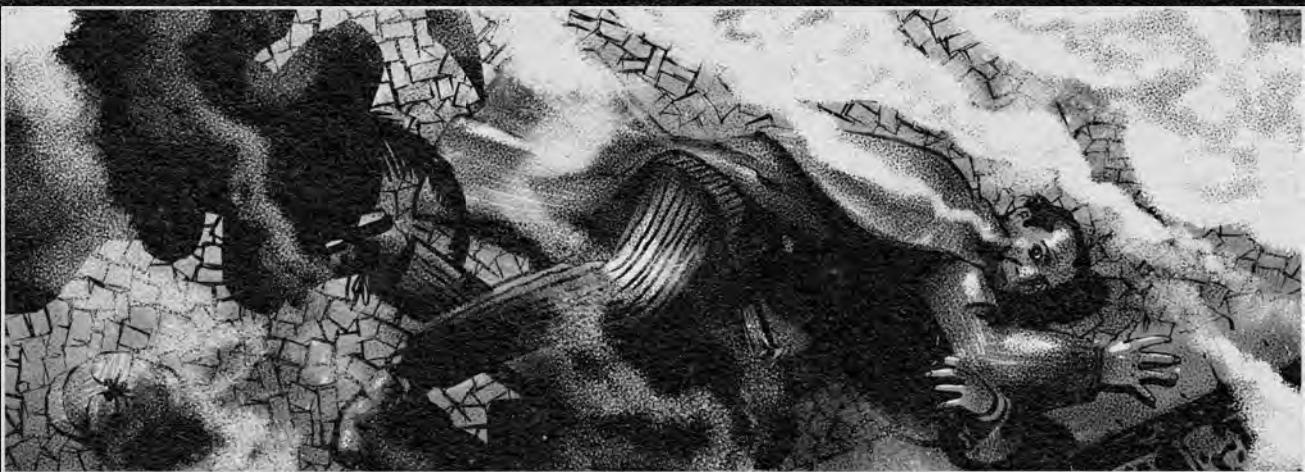
Uma noite...

...misteriosa.







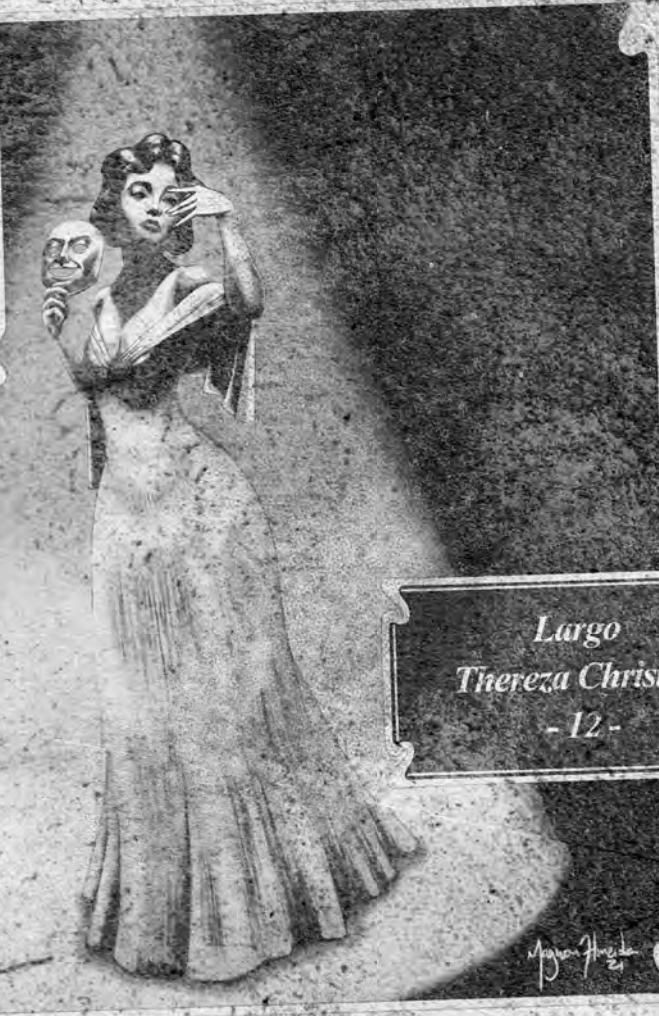




## Capítulo Três

“Agora irás cavar!”

AULAS DE TEATRO  
COM  
*Inês  
Pacowicz*



*Largo  
Thereza Christina  
- 12 -*



**TARÔ  
CIGANO**

**ENCONTRE  
O AMOR  
VERDADEIRO!**

Rua do Fogo - 6

**FUMO 9 DE JANEIRO**

O MELHOR DO MERCADO

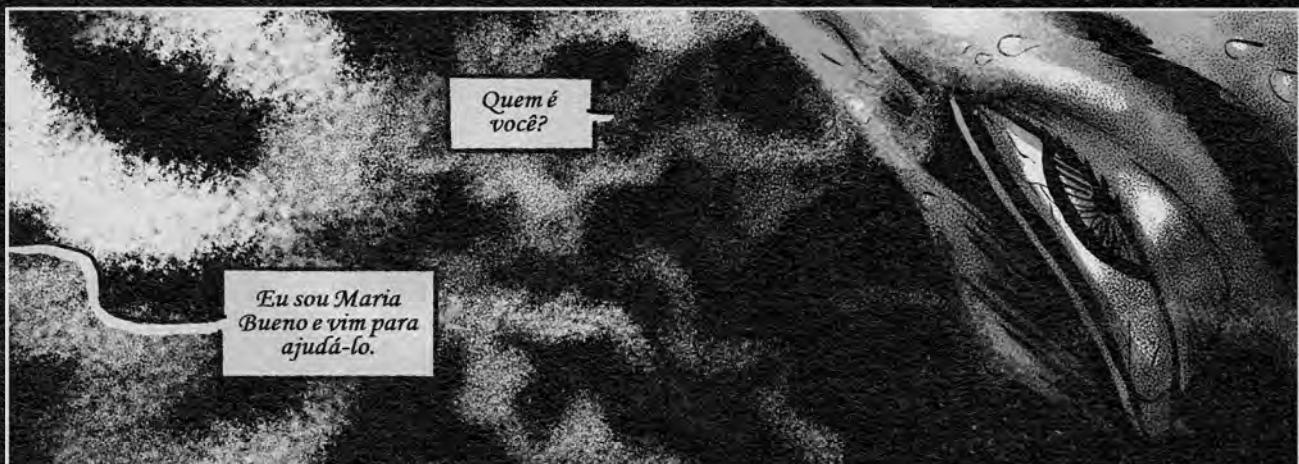
Faz bem para os pulmões!

Hálito com o frescor e a elegância do melhor aroma!

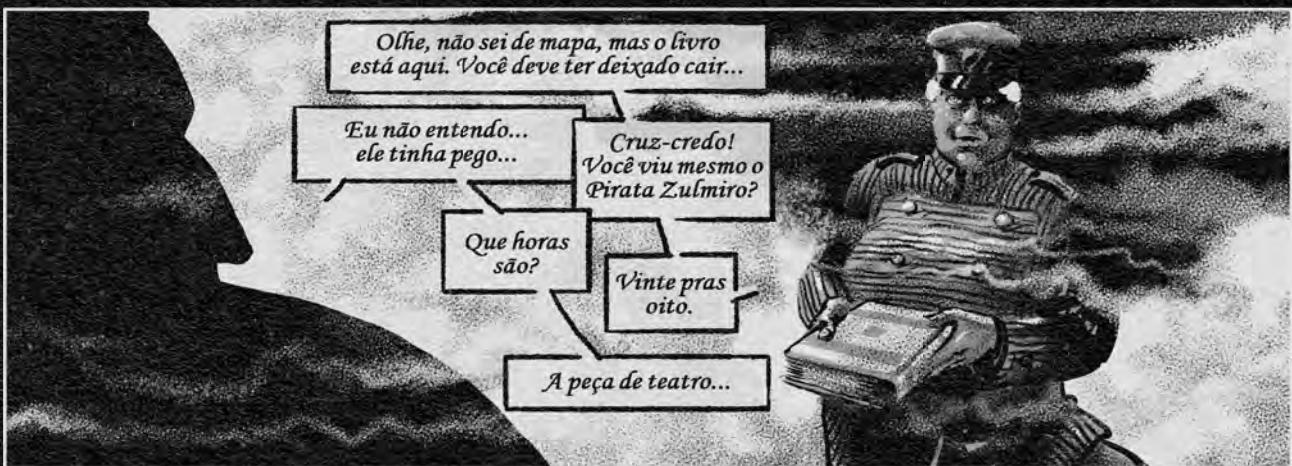
CURA A GAGUEIRA!

Disponível nas melhores casas

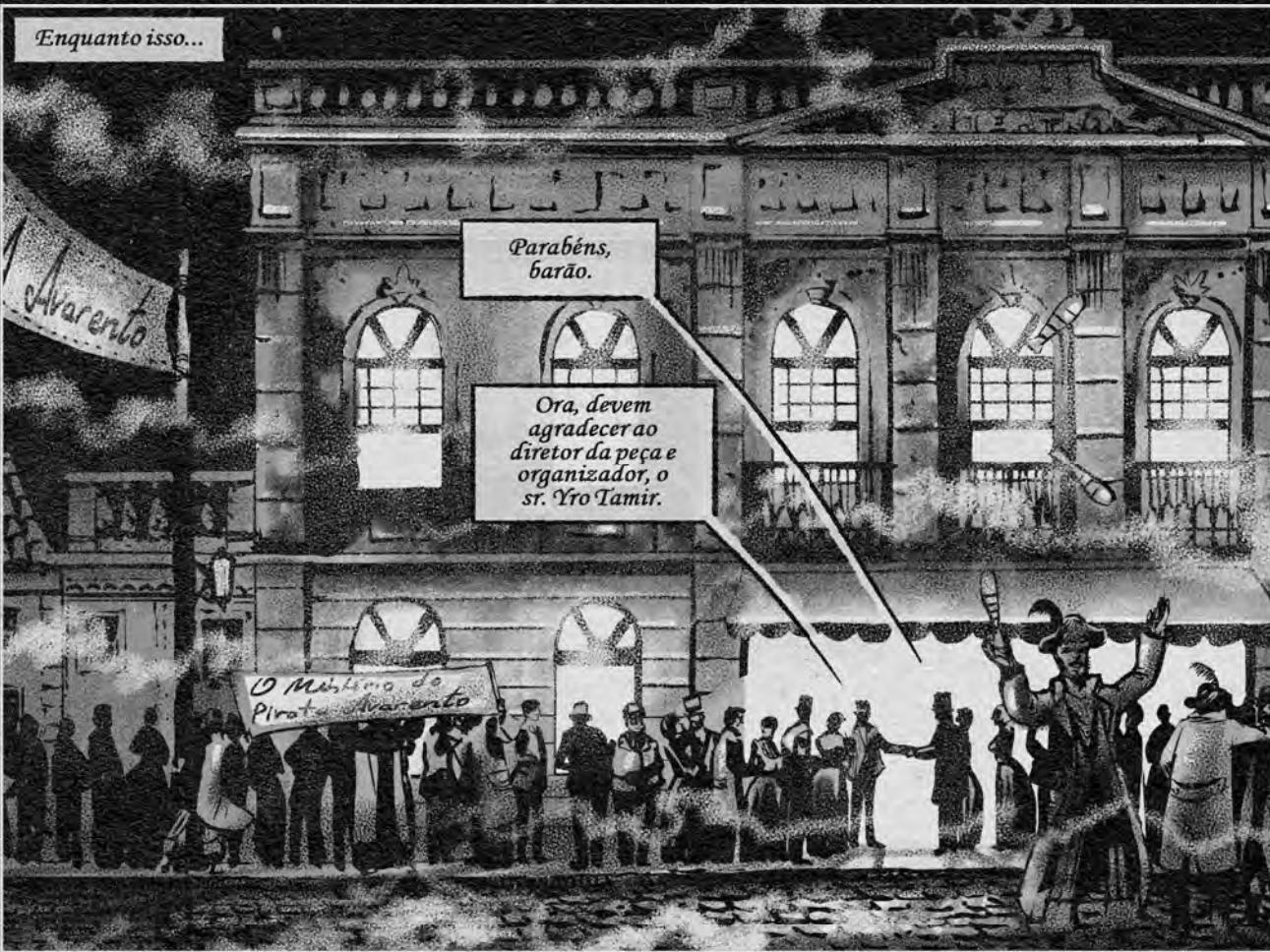


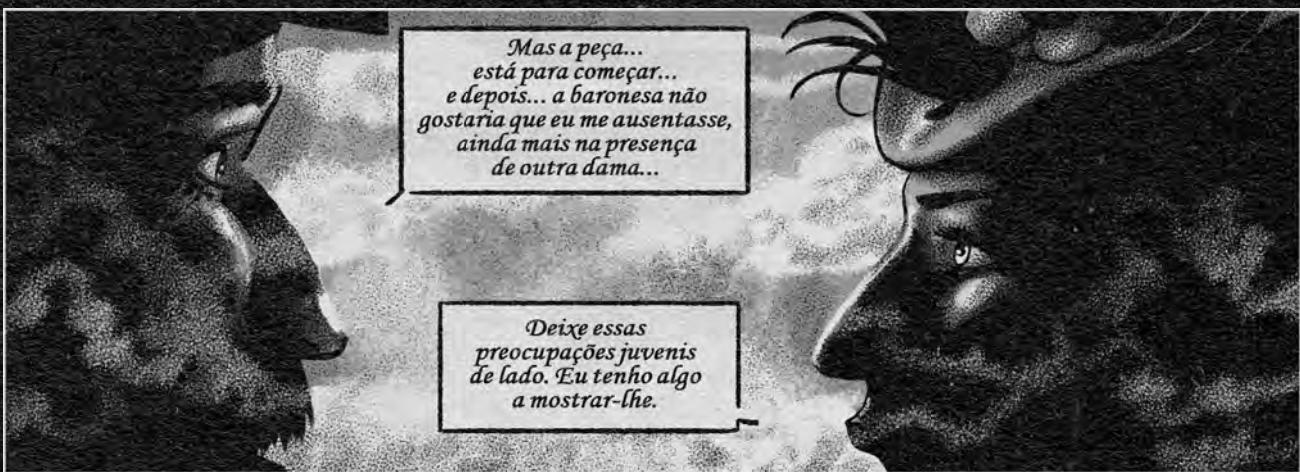






Enquanto isso...

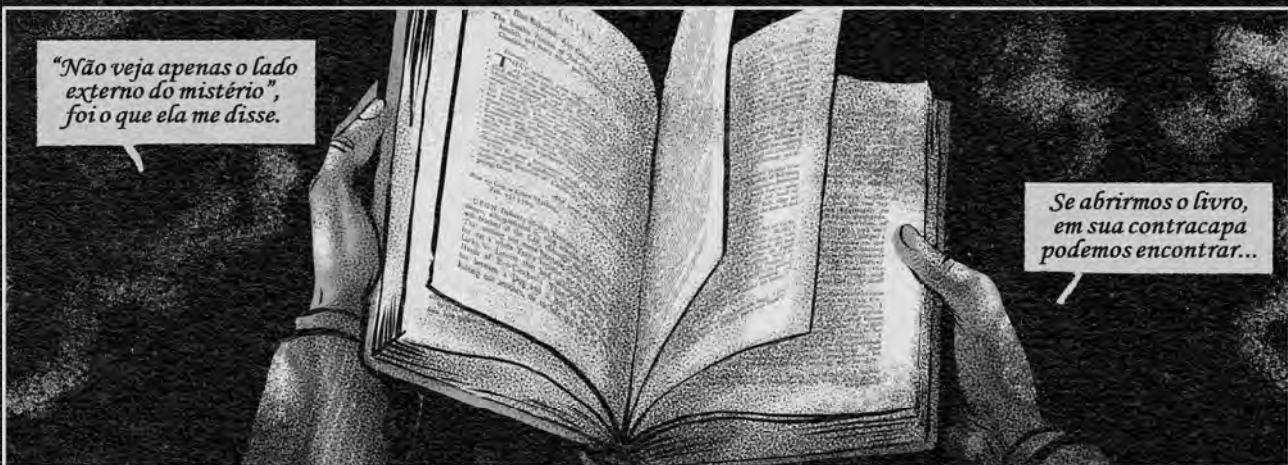








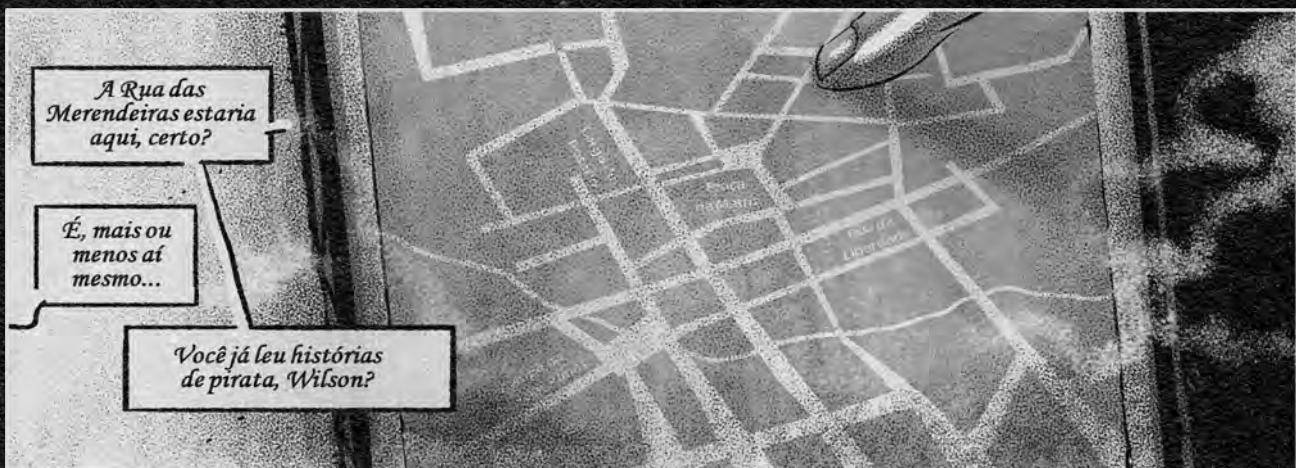
Rua das Merendeiras,  
não muito longe da  
catedral, ao lado da qual  
vamos passar a  
qualquer momento.



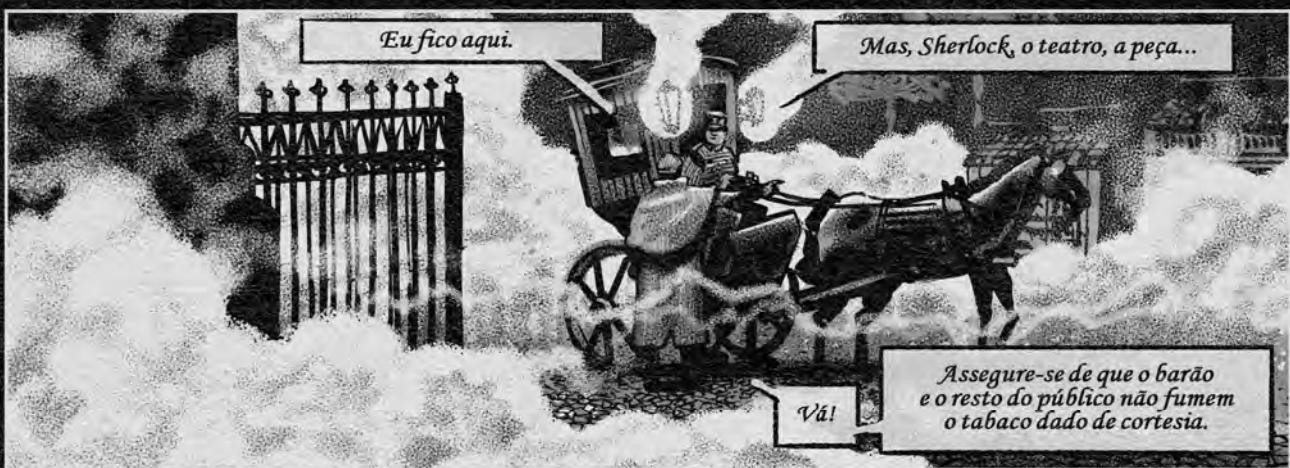
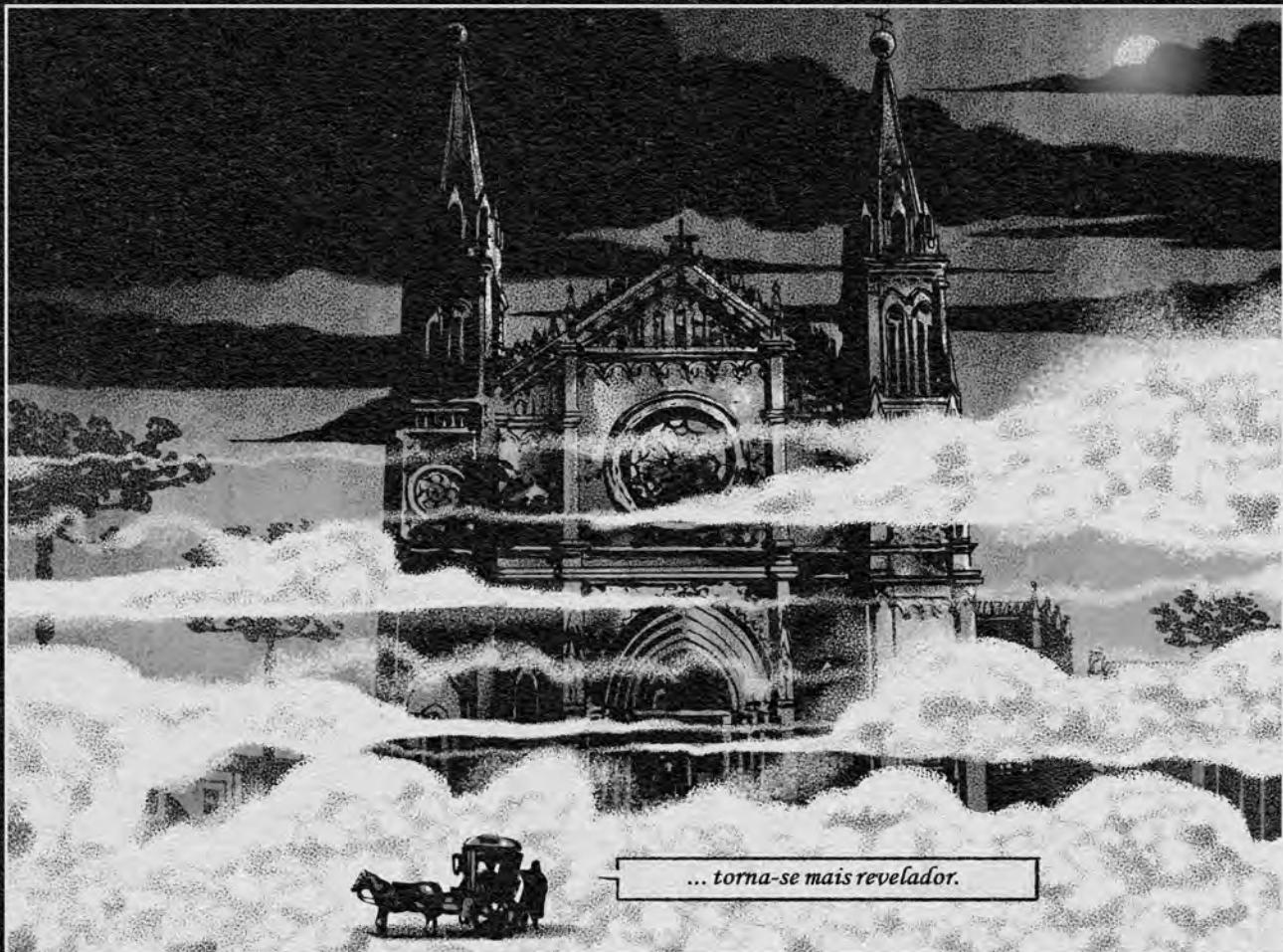
Se abrirmos o livro,  
em sua contracapa  
podemos encontrar...



Um mapa do  
centro da cidade.

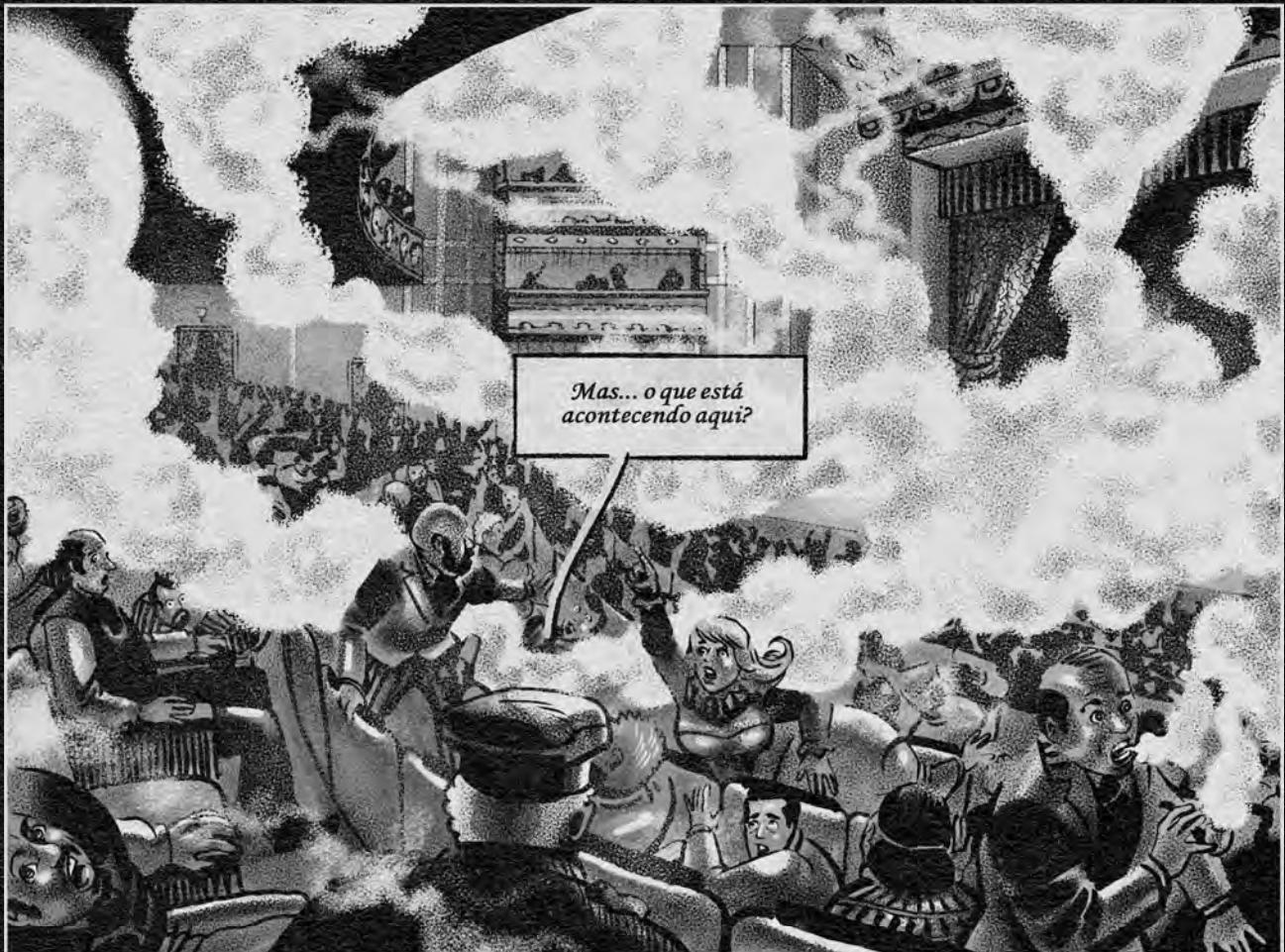




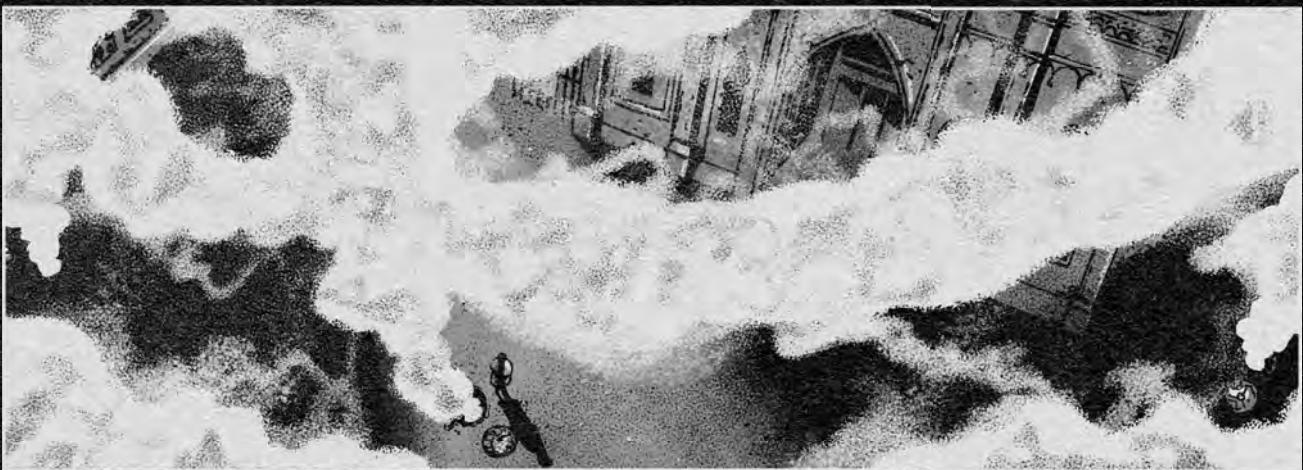
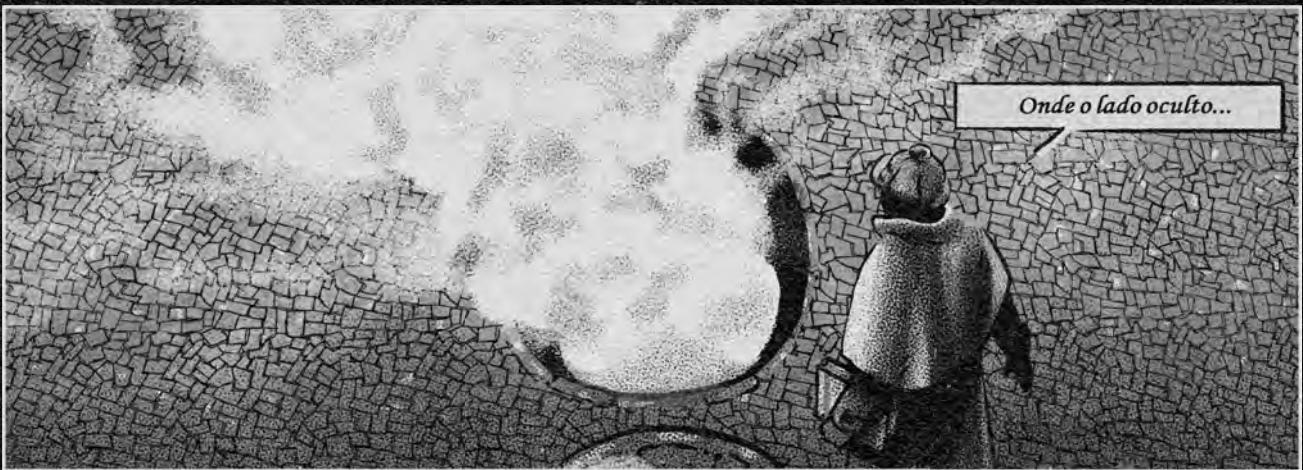


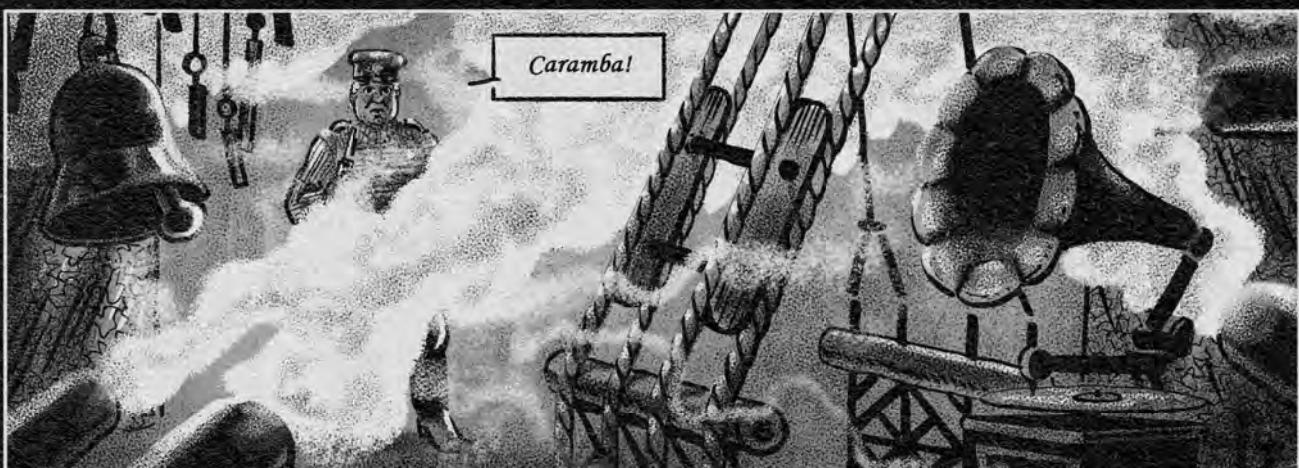


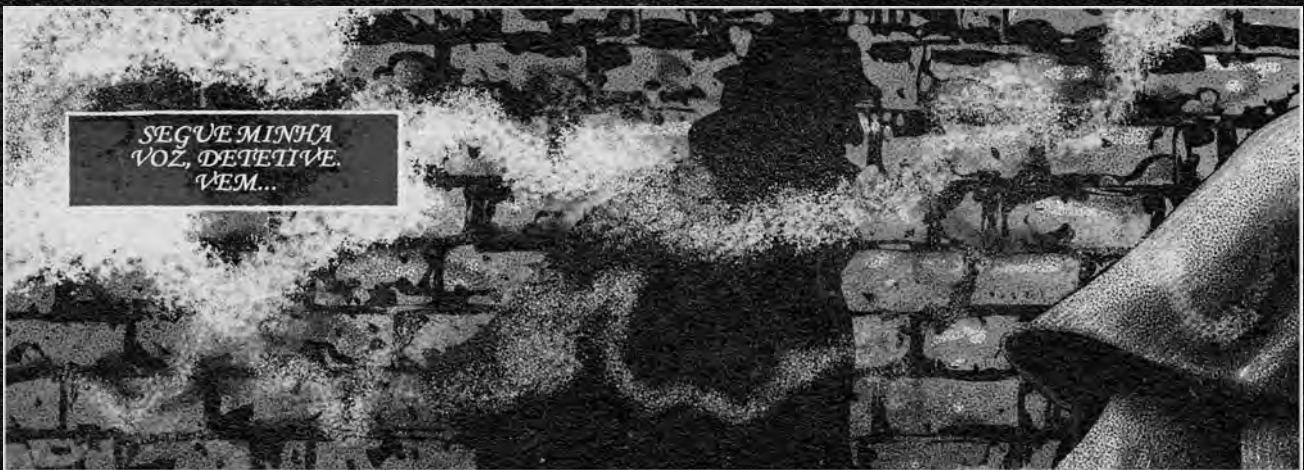




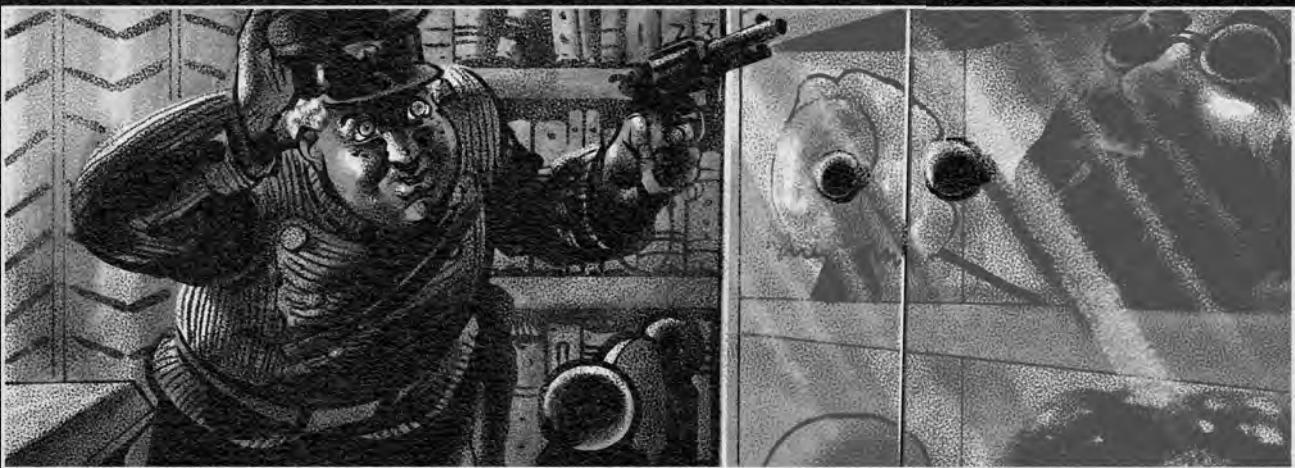
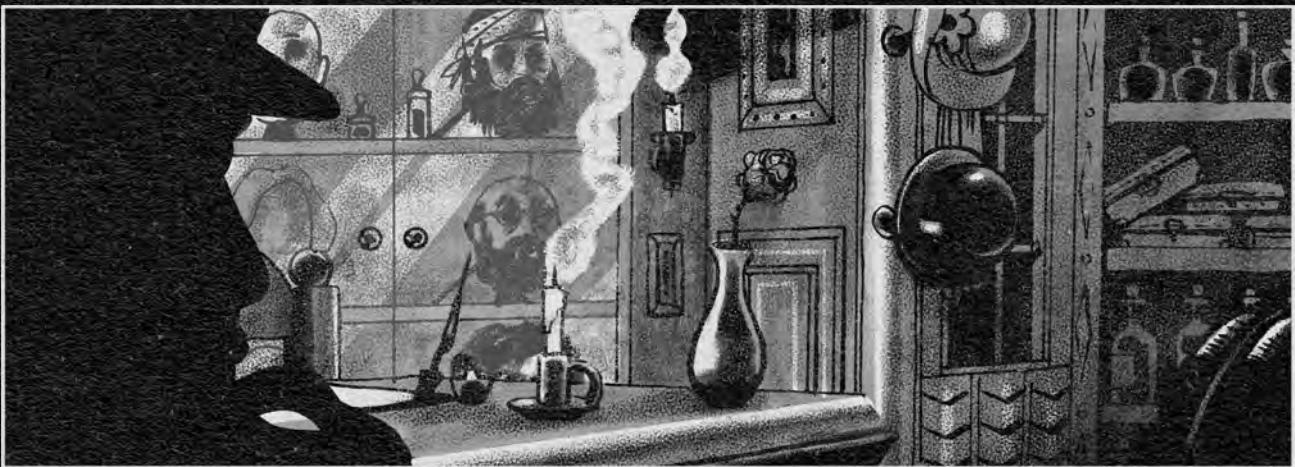


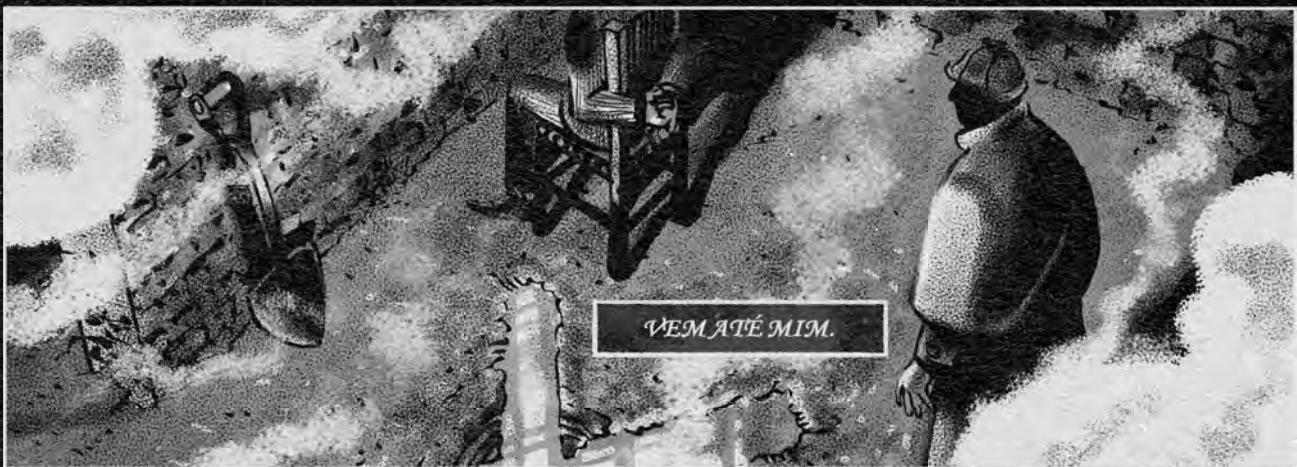












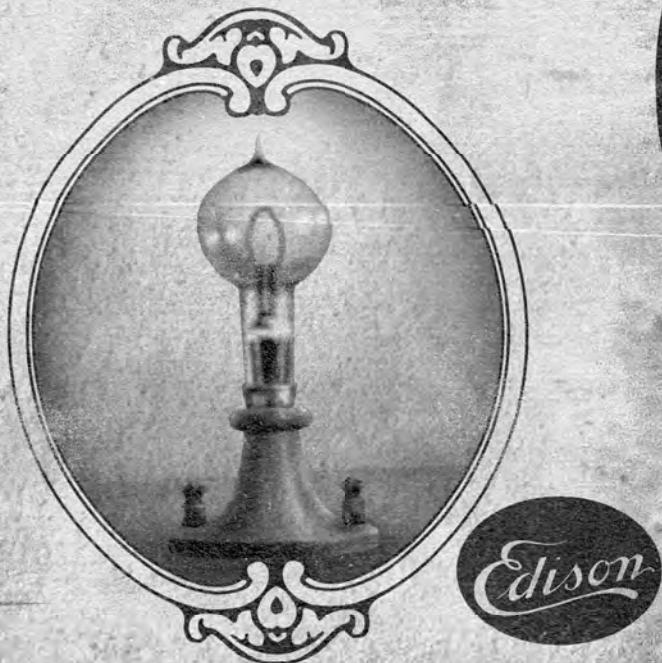




## Capítulo Quatro

“Não tens  
medo de fantasmas,  
tens?”

Uma das invenções mais emblemáticas da Segunda Revolução Industrial já chegou!



Inventada por Thomas Edison, a lâmpada elétrica é capaz de iluminar nossa cidade com a força de onze mil velas!

Já existem mais de 20 postes de luz elétrica espalhados pela nossa querida cidade!

Graças à competente administração do glorioso Presidente do Estado do Paraná, o notabilíssimo Senhor Vicente Machado.



ESTADO DO PARANÁ  
CIDADE DE CURITYBA

## CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA

Preparação para profissões de boa remuneração  
sem sair de casa.

Satisfação garantida!

- Limpador de chaminés
- Acendedor de postes
- Caçador de ratos e pombos
- Telegrafista
- E muito mais...

Largo 19 de Dezembro n.2 — Curityba



Vicente Machado da Silva Lima  
PRESIDENTE DO ESTADO

## CARRO DE ALUGUEL



Chame o Chico do Burro.

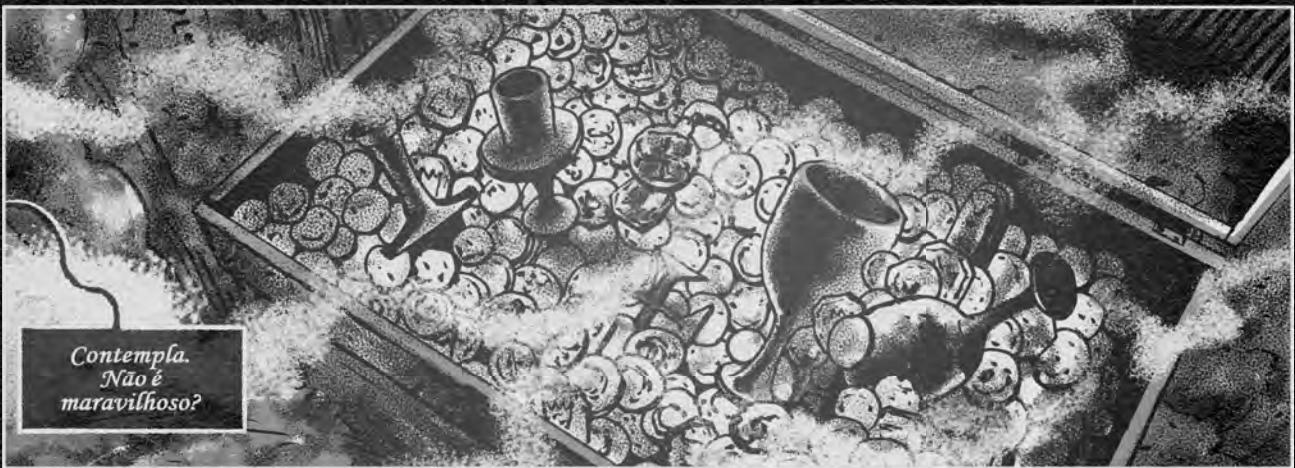
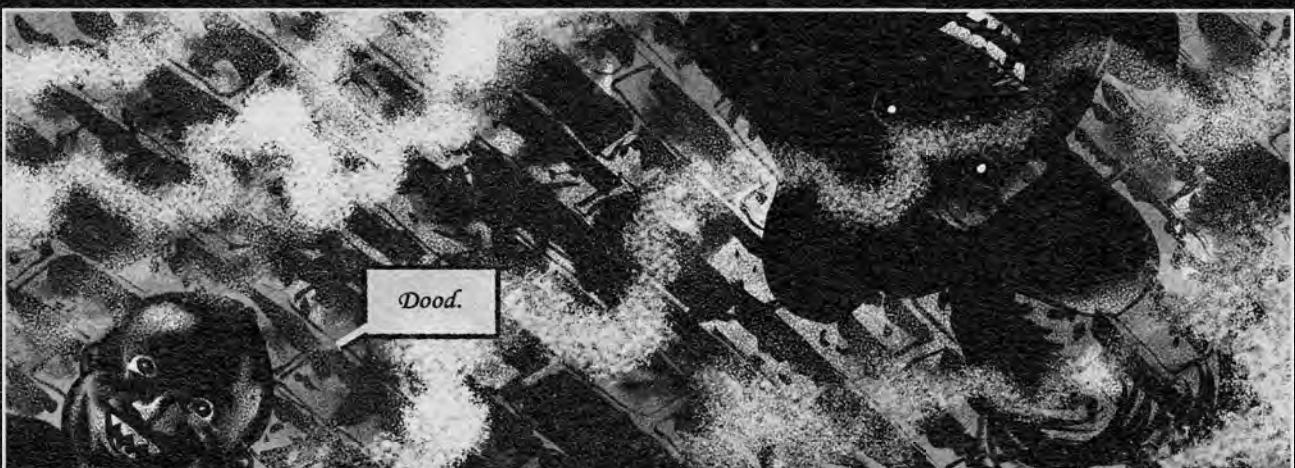
O melhor em conforto e  
agilidade no seu transporte.

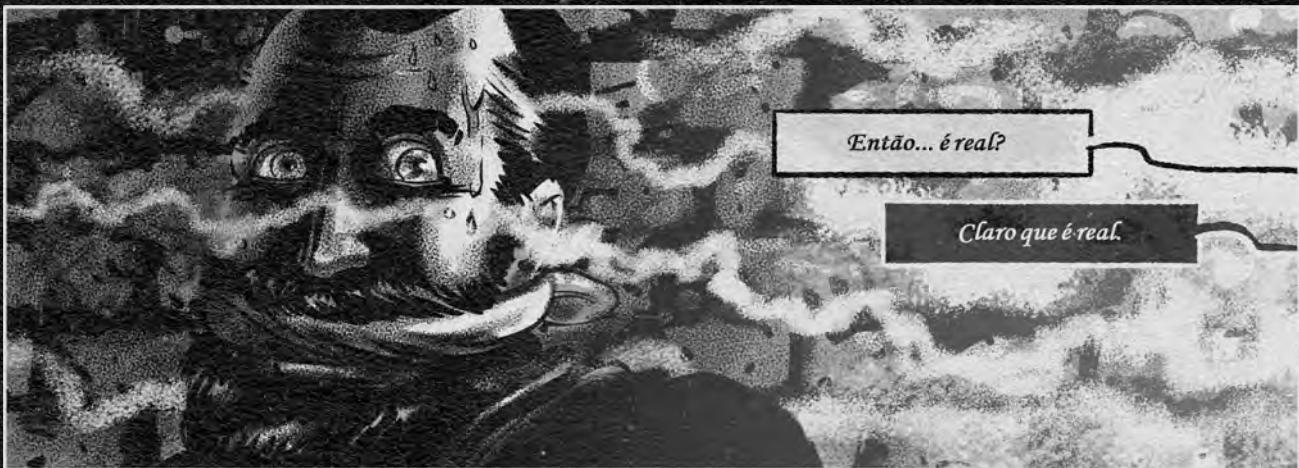
Carruagens de duas rodas  
abertas e fechadas.

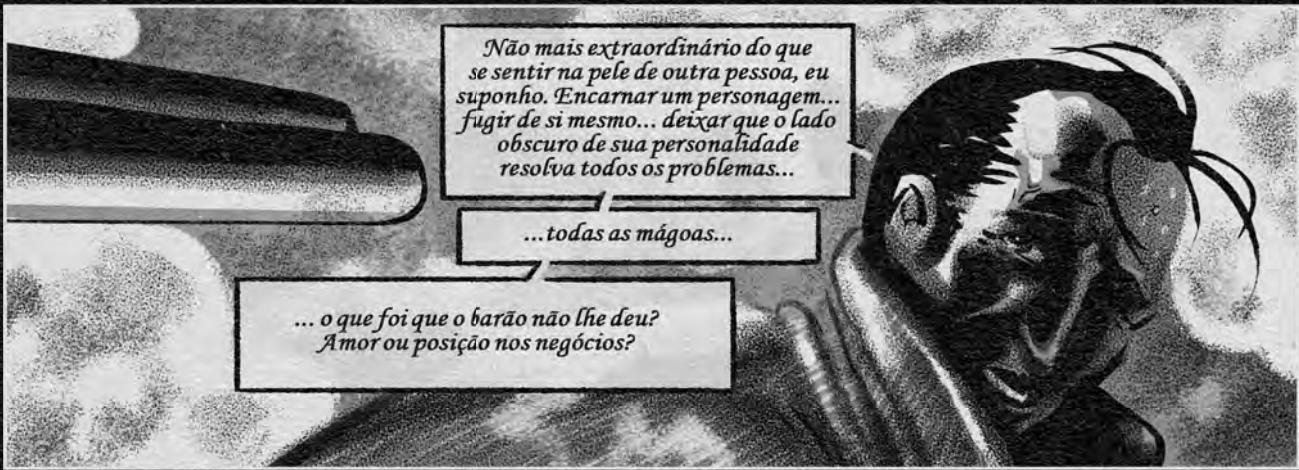
Rua da Liberdade n.8 — Curityba

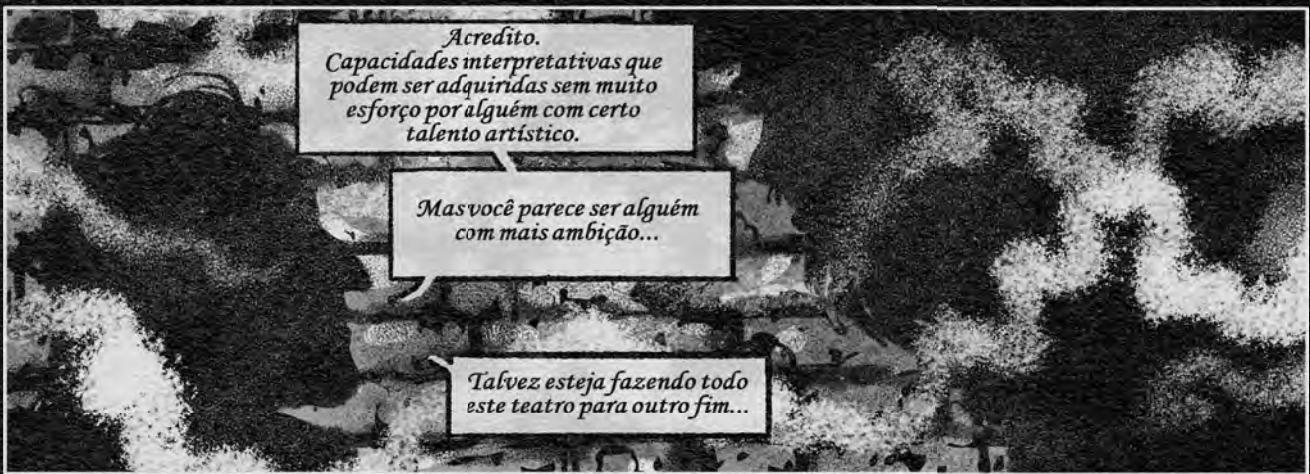


























Pouco depois, na delegacia...

Havia um pigmeu, tenho certeza. Ele estava lá. O senhor também viu, barão!

Mas e o ouro e as joias que estavam dentro do baú? Você também não viu, Wilson?

Desculpe, mas ainda me sinto zonzo. Tudo o que ocorreu naquele esgoto não passa de um borrão em minha memória.

O baú estava vazio quando o guarda Wilson chegou, bem como está agora.

Todos fomos vítimas de alucinações causadas pelo tabaco do sr. Yro Tamir, ou melhor, da srt. Pacowicz.

Wilson, aceito o café, por favor.

Eu também, obrigado.

É uma sorte estarmos vivos. Uma dose maior poderia ter sido fatal.

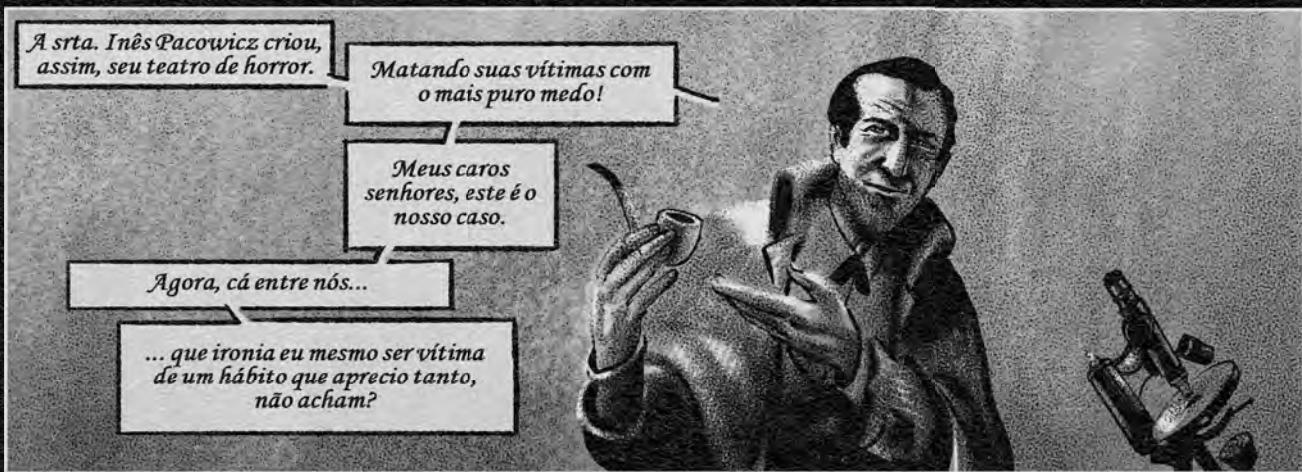
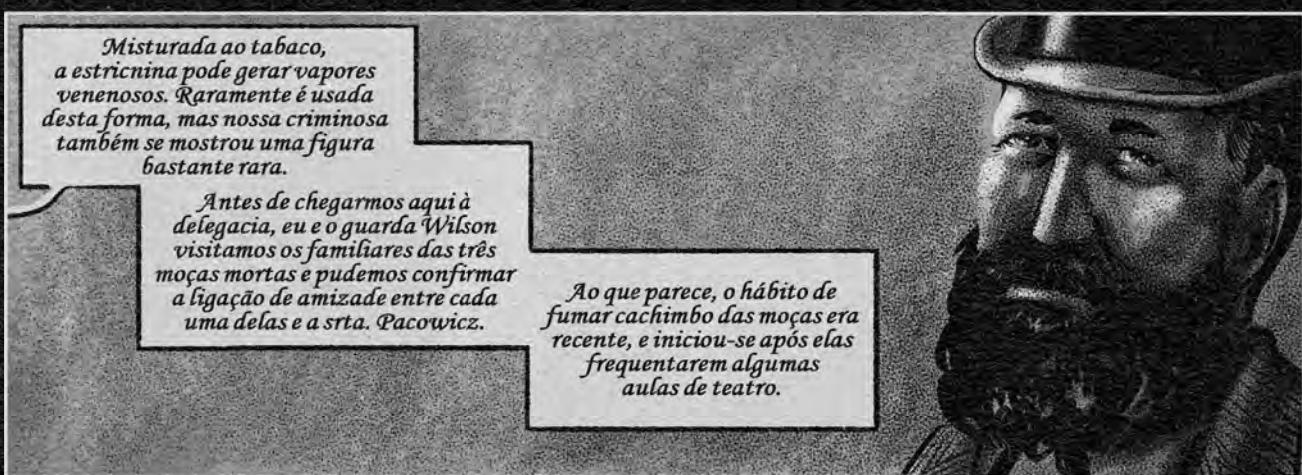
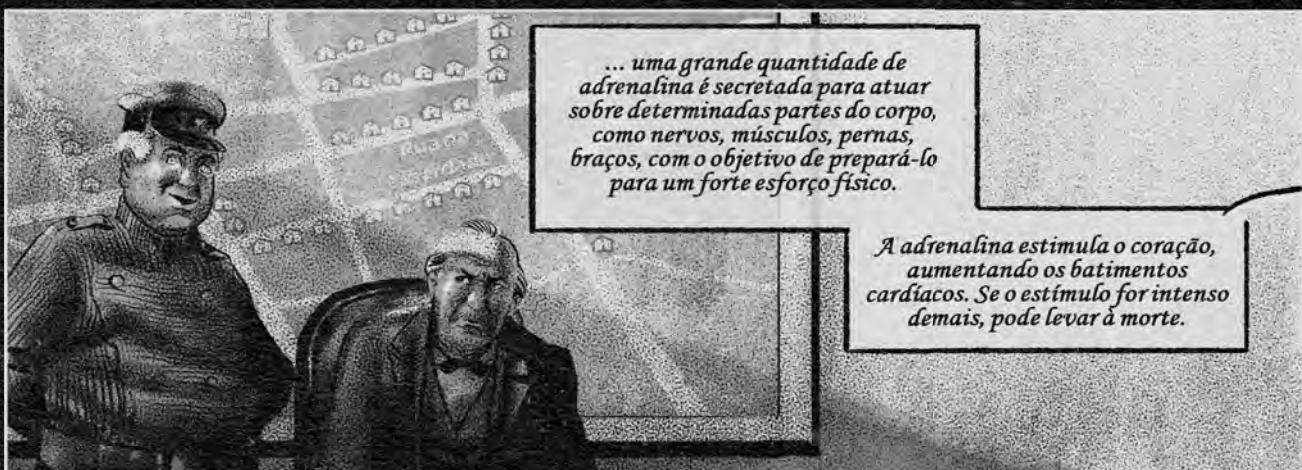
Os espectadores no teatro também tiveram a sorte de estarem em grupo no momento da intoxicação. Acredito que o desencadeamento da histeria coletiva lhes tenha dado certo equilíbrio mental.

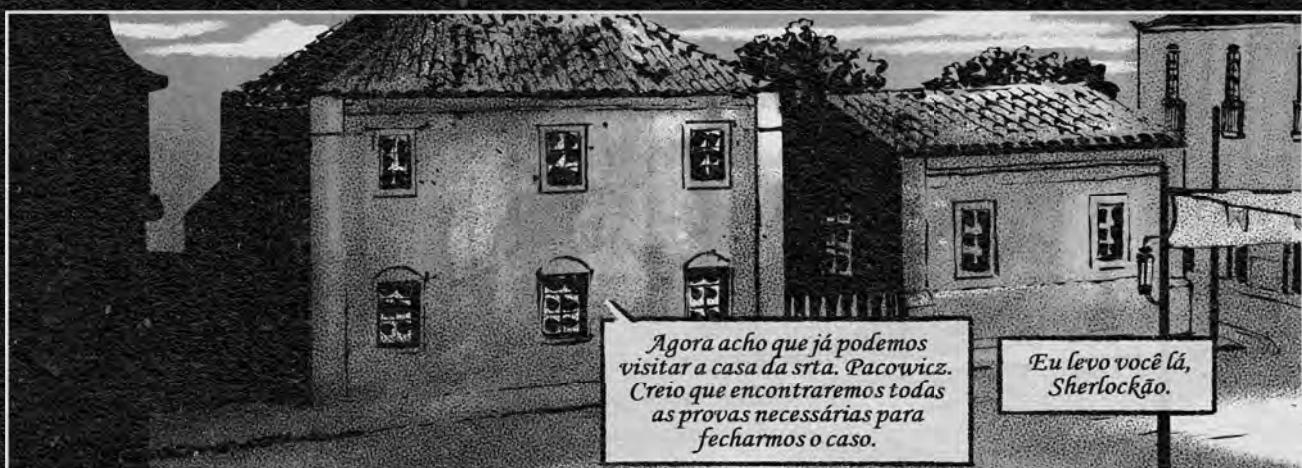
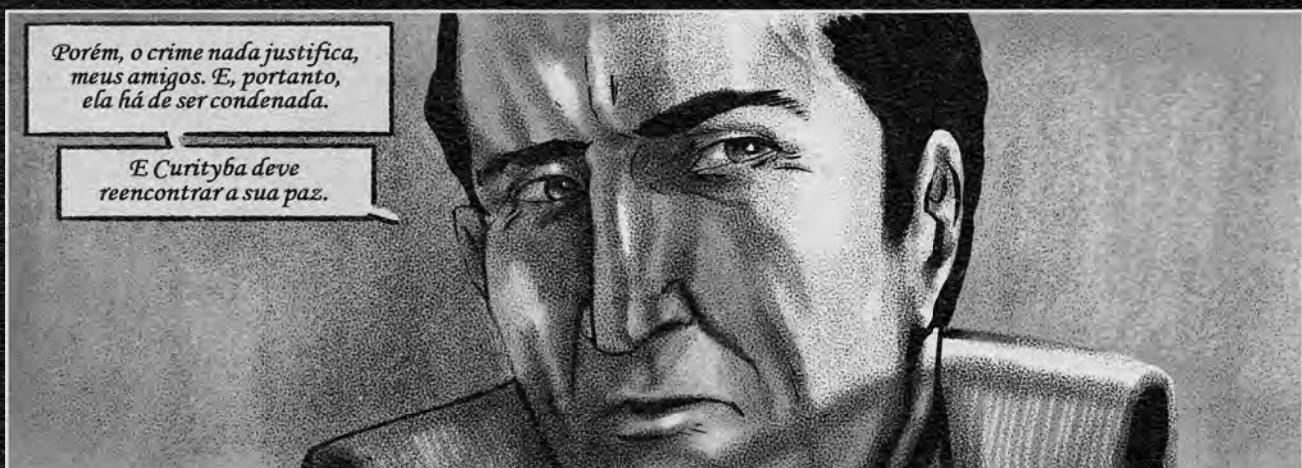
Já as três vítimas fatais, as belas moças estendidas lá no necrotério, consumiram grandes doses do tabaco, e sofreram sozinhas de um medo aterrorizante ao serem perseguidas, durante a noite tenebrosa, pela figura fantasmagórica do Pirata Zulmíro.

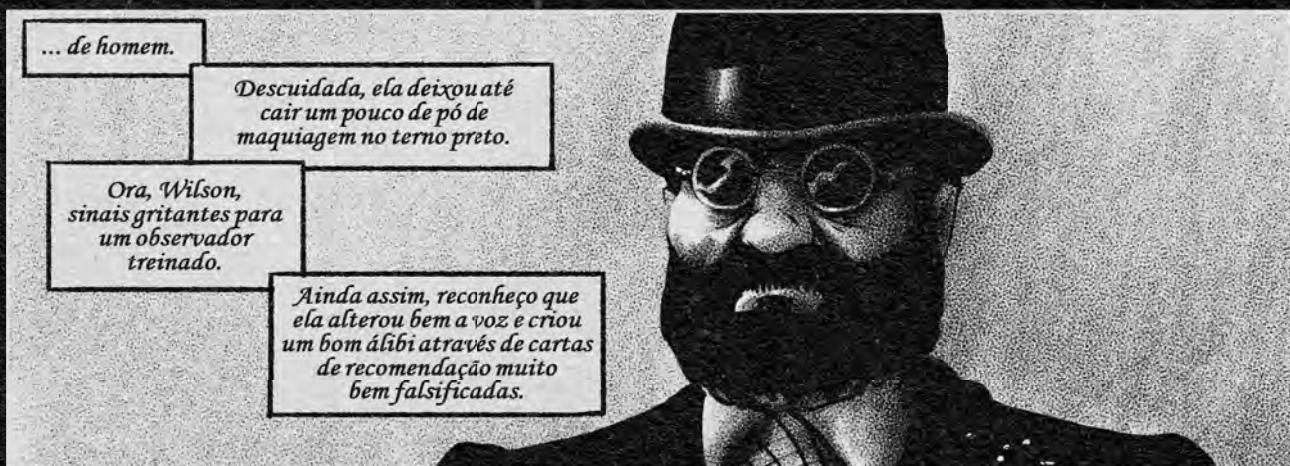
Mas que geringonça é essa?

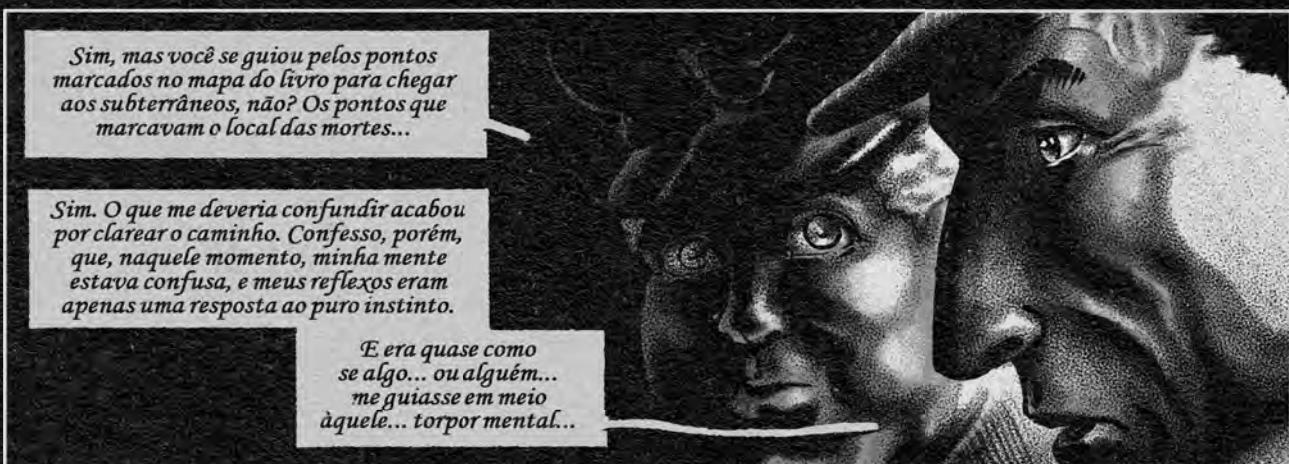
Um microscópio. Ajuda muito em investigações criminais. Através dele, sei que a droga misturada ao tabaco foi...

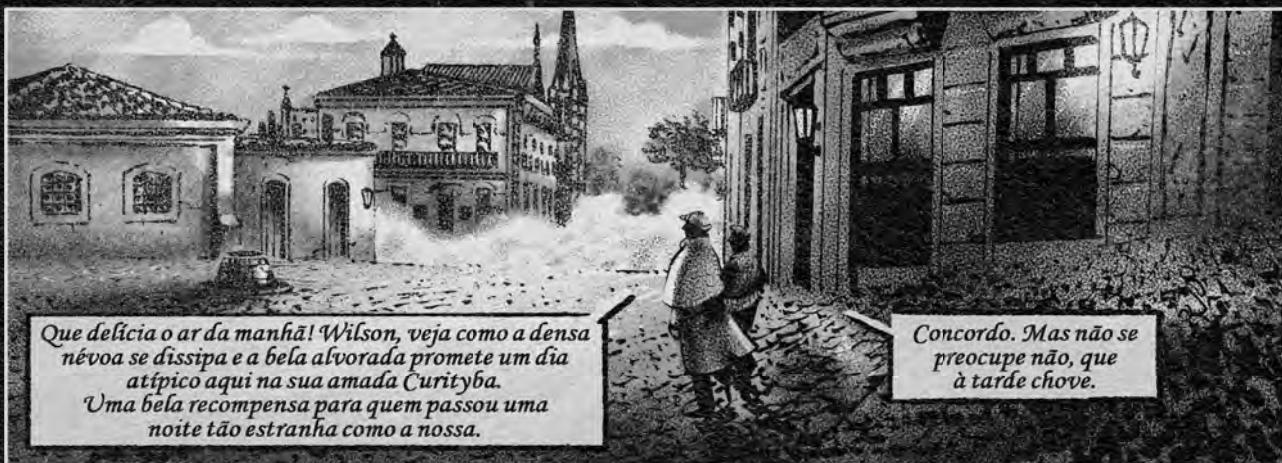
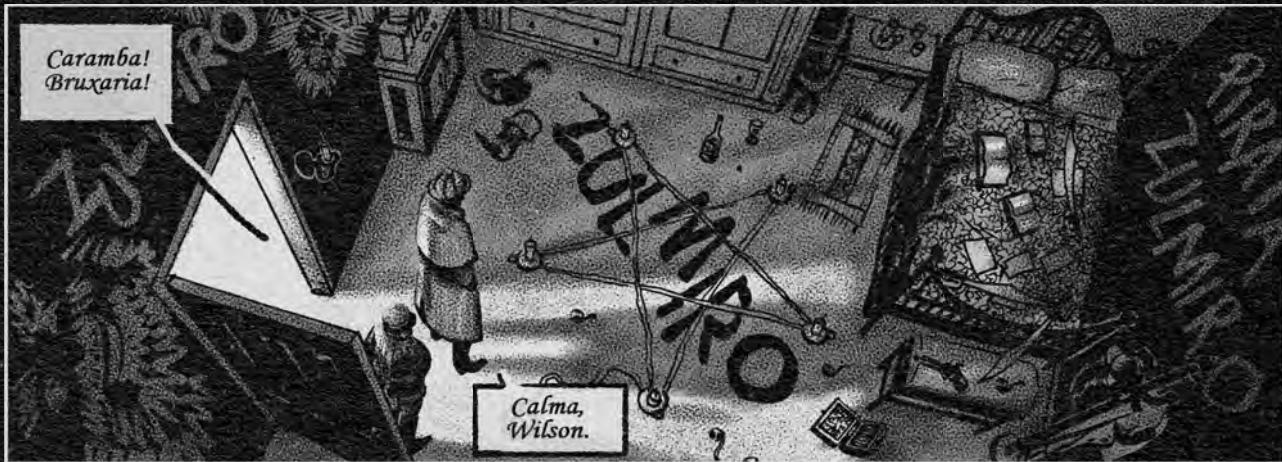


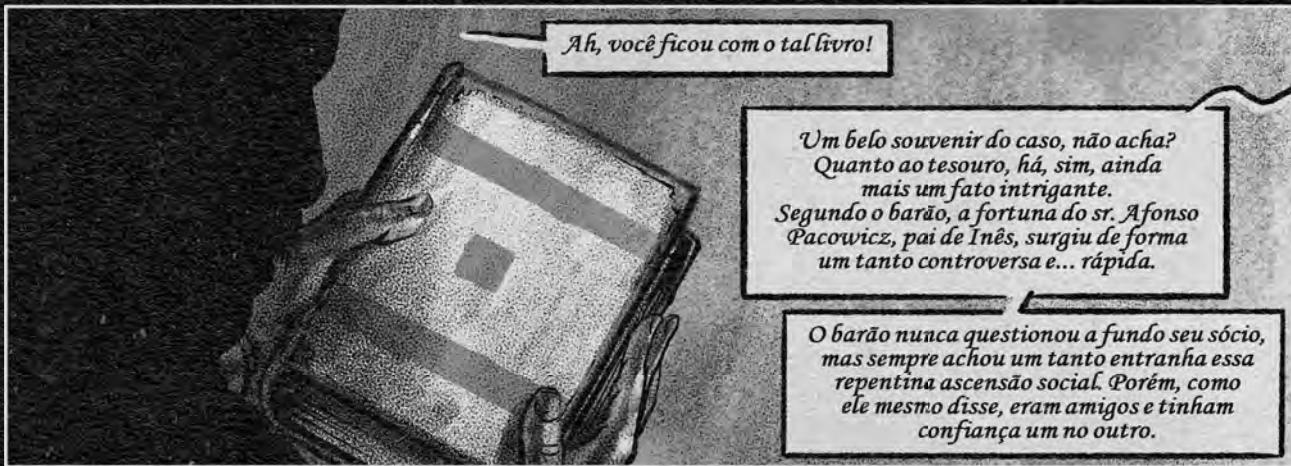
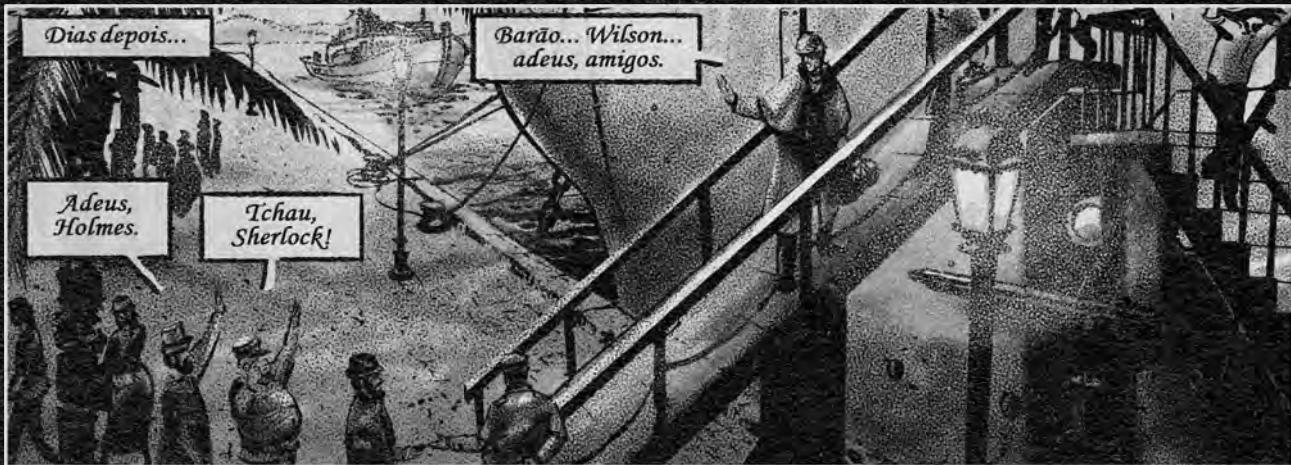












No entanto, segundo alguns escritos encontrados no diário da sra. Pacowicz, a riqueza do sr. Afonso Pacowicz seria fruto de "um achado maldito". E que, por conta deste achado, um espírito maligno pairava sobre a família.

Seria o tesouro?

Quem sabe. Claro que os escritos coincidem com uma sua visita a Paris, onde teria participado de diversas reuniões espíritas, baseadas na crença popularizada por um senhor chamado Allan Kardec...

Hum... Franceses...



Mas escute, Watson. Já que estamos no reino dos assuntos fantásticos, vou lhe contar um último e realmente misterioso aspecto de toda esta aventura.

Vai contar como seu braço transpassou o corpo do pirata? Quero dizer, da sra. Pacowicz?

Ora, aquilo foi um contorcionismo primário para me impressionar. Apenas mais um artifício para nuclar minha racionalidade. Minha chegada a Curitiba era esperada, e a sra. Pacowicz foi ardilosa!

Quero falar sobre algo mais tênu, um tanto subjetivo, porém, ao mesmo tempo, tão próximo do real quanto eu e você aqui nesta sala.

Naquela noite em que eu fugia de algo imaterial, levado por um medo inexplicável, perdido em ruas enevoadas...



... aquela moça, aquela voz... parecia realmente vir de outro... plano...

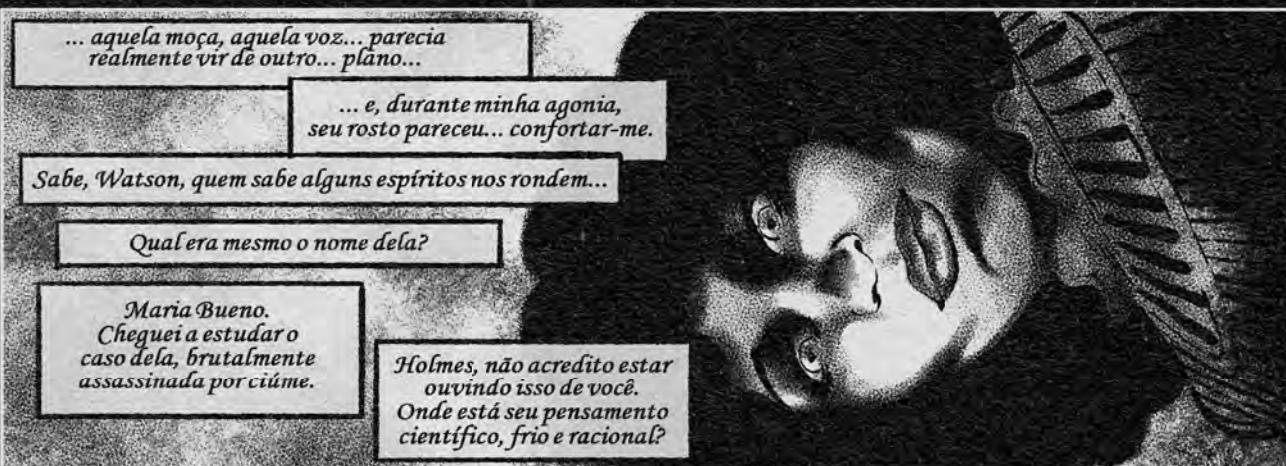
... e, durante minha agonia, seu rosto pareceu... confortar-me.

Sabe, Watson, quem sabe alguns espíritos nos rondem...

Qual era mesmo o nome dela?

Maria Bueno. Cheguei a estudar o caso dela, brutalmente assassinada por ciúme.

Holmes, não acredito estar ouvindo isso de você. Onde está seu pensamento científico, frio e racional?











# Posfácio



*Elementar, caríssima gente curitibana!*

por Antonio Eder e Walkir Fernandes

Tudo nasceu de uma provocação. Provocação no bom sentido. Em 2013, através da Dogzilla Studio, editamos a maior antologia dos quadrinhos independentes brasileiros: ***Cidade Sorriso dos Mortos-Vivos***, com 352 páginas de muito sangue e pinhão. Era uma avalanche de histórias em quadrinhos e ilustrações, com pitadas de haicais e cartuns, reunindo 58 artistas de Curitiba (de berço ou de coração) imaginando como seria uma invasão zumbi na capital das araucárias. Foi um sucesso: 1000 exemplares esgotados rapidamente em menos de 1 ano.

Na grande vontade de editar quadrinhos curitibanos, partimos em 2014 para o projeto ***Bocas Malditas — Curitiba e suas Histórias de Geler o Sangue***. Desta vez, ao lado de Carol Sakura, que chegou para dar mais corpo editorial à publicação. Basicamente, era fazer uma coletânea em quadrinhos sobre as lendas urbanas de Curitiba. De novo, o projeto foi muito bem recebido e toda a tiragem vendeu rapidamente. Ficou claro entre nós que falar da nossa cidade usando a linguagem dos quadrinhos chamava a atenção das pessoas.

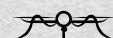
E foi na palestra de lançamento do ***Bocas Malditas***, na Gibiteca de Curitiba, enquanto fazíamos a provocação de produzirmos mais quadrinhos sobre mitos e ambientações curitibanas, que disparamos a ideia: E se o famoso detetive de Baker Street, agora em domínio público, viesse à Curitiba de 1893 para investigar estranhos acontecimentos que envolviam o assassinato de Maria Bueno e, em paralelo, o mistério de um certo Pirata Zulmíro, dando as caras ao longo desta trama? A reação positiva foi imediata.

E aqui cabe uma curiosidade histórica que sublinha a passagem de Holmes por nossas terras: há um grande hiato nas histórias de Sherlock Holmes entre sua morte em 1891 em ***O Problema Final*** (lançado em 1893) e sua volta em 1894 na publicação ***A Aventura da Casa Vazia*** (lançada em 1903), na qual descobrimos que Sherlock Holmes forjou a própria morte para despistar seus inimigos. Ou seja, há um nebuloso mistério de onde estaria o famoso detetive londrino durante os anos de 1891 a 1894. Bem, parece que você já entendeu onde ele se exilou durante todos estes anos.

Nos dias que se passaram convidamos André Caliman para embarcar neste projeto. Ele logo assumiu a ideia como um todo, do roteiro aos desenhos. E, depois de 7 anos de pesquisas, roteiros reescritos e páginas redesenhadas, Caliman trouxe essa narrativa incrível, que reforça uma tendência entre alguns quadrinistas de Curitiba a trabalharem e explorarem os mitos, lendas e histórias insólitas da cidade.

Então, que haja mais provocações, pois em Curitiba não faltam extraordinários acontecimentos ainda não explorados pela nona arte, como a guerra do pente, as bruxas curitibanas (sim, existiram várias no passado e ainda existem muitas por aí), os místicos, embusteiros e faquires que moravam na cidade (o mais conhecido foi o faquir Urbano), a história do assaltante que assustou Curitiba na década de 1960 com o nome Jack Palance, a mitologia dos irmãos palhaços Queirolo, vampiros, almas penadas, exorcismos, assombrações, lobisomens, óvnis e alienígenas (não faltam relatos!), longos túneis secretos, seitas satânicas, sem falar em tantos excêntricos personagens que transitam pelas ruas à luz do dia.

Sim, Curitiba é cheia de mistérios. Mistérios do real e do imaginário. Então, se a leitura deste livro foi instigante, coloque um punhado de pinhão para assar na chapa e, antes deles começarem a estalar, encontre nas páginas que se seguem mais algumas curiosidades sobre a enevoada Curityba de 1893 e sobre a produção de ***O Mistério do Pirata Avarento***.





# Contexto histórico

*“A velha vila enfezada marcha para o novo desenvolvimento”:*

*Curitiba na segunda metade do século XIX*

Maurício N. Ouyama <sup>1\*</sup>



*Curitiba do final do século XIX. Tríptico de autoria de Adolpho Volk.*  
(Acervo da Casa da Memória / Diretoria do Patrimônio Cultural / Fundação Cultural de Curitiba)

*Uma dupla natureza: a velha e a nova Curitiba no século XIX*

Como era a Curitiba da época do Pirata Zulmíro? Nos cinquenta anos que separam a emancipação política do Paraná da virada do século XIX para o XX, a cidade passou por profundas transformações urbanas, administrativas e sociais. Viajantes e cronistas que vivenciaram estas transformações relataram que a cidade cresceu, deixou de ser aquela vila acanhada de outrora e marchava inexoravelmente rumo ao progresso.

A vila de Curitiba ascendeu à condição de cidade em 1842. Em 1853, o Paraná tornou-se independente da 5<sup>a</sup> Comarca de São Paulo, e Curitiba foi transformada em capital de província. Nomeado como presidente de província, Zacarias de Góis e Vasconcelos iniciou então uma série de melhoramentos para que Curitiba pudesse comportar suas novas funções administrativas, trazendo engenheiros, médicos e sanitários que o ajudavam a implantar o saneamento e o calçamento do núcleo urbano.

As transformações por que a cidade passou durante o século XIX foram sentidas por moradores e forasteiros. O viajante Auguste de Saint-Hilaire, que passou por Curitiba em meados

de 1820, descrevia a vila paranaense como um local com diversas casas “simples e caiadas de branco”, mobiliário simplório, composto apenas de algumas salas “onde se recebiam as visitas” (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 710). A modesta vila visitada por Saint-Hilaire contava, segundo o autor, com cerca de 220 casas, e a sua população não superava 10 mil habitantes. Na visão do naturalista francês, Curitiba não passava de um “amontoado de casebres miseráveis e ruas”.

Alguns anos depois, em 1858, quando Curitiba já se havia tornado uma capital de província, o viajante Robert Avé-Lallémand identificava uma “dupla natureza” da cidade: de um lado a “velha Curitiba”, acanhada e pacata,

1

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná.

com suas ruas sem calçadas, casebres de madeira, cantos sujos e escuros; e, de outro, a “nova Curitiba”, em visível processo de “regeneração”, onde tudo era bonito e asseado. Enfim, relata o médico alemão, “a velha vila enfezada marcha com energia para um novo desenvolvimento” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 271).

Por volta de 1872, o inglês Thomas Bigg-Wither também percebeu que a cidade passava por um momento de crescimento e desenvolvimento e observava que Curitiba tinha uma “extensão maior do que algumas cidades inglesas” (BIGG-WITHER, 1974, p. 49).

Essa percepção de que a velha Curitiba se ia transformando e adquirindo ares “cosmopolitas” era também presente em cronistas paranaenses.

Nestor Vítor, em *A terra do futuro*, afirmava que, ao chegar novamente em Curitiba<sup>2</sup> e fazer o trajeto entre a estação ferroviária e a Rua Quinze de Novembro, percebia que a cidade “ganhava outro ar, outro porte”. Ou seja, agora era uma cidade com um “ar mais *solemne*” (VÍTOR, 1913, p. 42). Romário Martins, em *Curityba de outr'ora e de hoje*, parecia vislumbrar que Curitiba tinha uma vocação civilizatória para servir de exemplo para o resto do estado. Rocha Pombo, em *O Paraná no Centenário*, dava o seu testemunho de que a cidade era dotada de espaços suntuosos, com *boulevards* e avenidas, e que a “nossa capital é uma das mais belas, opulentas e grandiosas do Sul” (POMBO, 1900, p. 141).



## *A indústria do mate e a urbanização no Paraná*

**C**omo podemos ver através dos relatos de viajantes como Saint-Hilaire, Avé-Lallémand, Bigg-Wither, e de cronistas da cidade como Nestor Vítor, Rocha Pombo e Romário Martins, em poucas décadas a cidade passara por uma série de transformações. Aqueles que conheceram a “velha Curitiba” de meados de 1850 maravilhavam-se com a grandiosidade e a suntuosidade da “nova Curitiba”.

A economia erva-teira na segunda metade do século XIX impulsionou o crescimento da cidade e trouxe uma série de melhorias urbanas. No centro tradicional, ocorreu uma onda de construção de sobrados, proveniente dos proprietários das pequenas indústrias, liberais e comerciantes. Os modelos arquitetônicos refletiam a preferência das camadas urbanas pelo *ecletismo*<sup>3</sup>. Ao lado dos sobrados e palacetes que iam ganhando cada vez mais a paisagem urbana, encontravam-se as casas mais simples, de andar térreo e janelas abertas diretamente para a rua.

A estrada de ferro Paranaguá–Curitiba inaugurada em 1885 tornou-se um importante eixo de comunicação e escoamento de mercadorias. Nesta época, por exemplo, o Barão do Serro Azul tornou-se um dos maiores industriais do mate do país.

A estação ferroviária de Curitiba era, portanto, um ponto movimentado da cidade. Nas suas redondezas encontrava-se o bairro Rebouças, onde se instalaram algumas importantes fábricas beneficiadoras de erva-mate, como a Matte Leão.

Curitiba passou também por um crescimento demográfico a partir do aumento da imigração no estado. Nesse momento, imigrantes vindos da Itália, Alemanha, Polônia e outros países europeus iam lentamente introduzindo seus hábitos e costumes, deixando sua marca na cidade.<sup>4</sup>

A região próxima à Praça Eufrásio Correia, principalmente a Rua da Liberdade (atual Rua Barão do Rio Branco), era repleta de bares, restaurantes, casas de câmbio e hotéis devido ao intenso tráfego de pessoas que se deslocavam da estação ferroviária até o centro tradicional de

<sup>2</sup> Neste texto, Nestor Vítor, que vivia no Rio de Janeiro, faz um contraponto entre a Curitiba que ele revisitava em 1912 e aquela que ele conhecia de sua estadia anterior no final da década de 1880.

<sup>3</sup> O *ecletismo* foi o estilo arquitetônico do século XIX que foi trazido por arquitetos e engenheiros estrangeiros a Curitiba e implementado sobretudo nos palacetes e solares da burguesia erva-teira paranaense.

<sup>4</sup> Vide, por exemplo, a Padaria América e a Escola Alemã como contribuições da cultura de imigrantes germânicos que chegavam a Curitiba na segunda metade do século XIX.

Curitiba. Ela tornou-se, assim, a principal via para quem entrava ou saía da cidade. Nessa região foram instaladas as primeiras linhas de bonde puxado por mulas<sup>5</sup>.

No projeto de saneamento e melhoramento da cidade houve a construção de espaços públicos e logradouros, como o Passeio Público inaugurado em 1886 ou ainda a Praça Eufrásio Correia no local do antigo Largo da Estação, a qual era uma das mais suntuosas e modernas da época com o seu famoso chafariz e o lampadário em estilo *art nouveau*.<sup>6</sup>

### *Os não-morigerados e indesejáveis da capital paranaense*



Porém, apesar de todos os indícios de modernização, Curitiba ainda continuava a apresentar condições precárias. Por trás do verniz progressista que apresentava a capital paranaense como símbolo de “ordem e civilização”, havia uma cidade obscura e imperfeita.

As falas dos médicos sanitaristas são representativas desses problemas. A febre tifoide, a difteria, a hanseníase, a escarlatina, a varíola e a influenza foram algumas dentre diversas doenças que se espalharam pelo Paraná no século XIX. Preocupados com as condições de higiene e com o alastramento de epidemias no Paraná, os médicos Trajano dos Reis (REIS, 1894) e Jayme dos Reis (REIS, 1898) escreveram inúmeros trabalhos científicos e artigos de jornais locais alertando a população sobre a importância das condições de salubridade no meio urbano. Essa preocupação com a salubridade urbana apontada pelas autoridades médicas teve seus reflexos na construção de estabelecimentos com regras de higiene mais rígidas, como, por exemplo, o Matadouro Municipal de Curitiba em 1878.

A sociedade paranaense também tinha os seus contrastes. Apesar de o povo paranaense ser descrito nos discursos oficiais como “ordeiro”, “pacato”, “civilizado” e “morigerado”<sup>7</sup>, é comum

Na segunda metade do século XIX, Curitiba também contava com uma série de divertimentos típicos de uma metrópole. No *Colyseo Curitybano*, por exemplo, foi instalado o primeiro cinematógrafo, ficando conhecido como uma “fábrica de ilusões”. Ainda sobre os divertimentos, os *sumpf*<sup>8</sup> contrastavam com os suntuosos “salões de baile” da burguesia erva-teira, onde se dançava a “walsa”.



encontrar nos jornais e documentos públicos a referência a uma série de indesejáveis, “classes perigosas”, descritos como “típicos” “vagabundos”, “não morigerados”, “desordeiros”, “excênicos”, “discípulos de Baccho” etc.

Pelas ruas da capital perambulavam inúmeros personagens pitorescos. Alguns chegaram a ficar conhecidos na imprensa local como Maria Pelanca, Nhá Perpétua, Maria Louca, Maria Balão e o Arcabuz da Miséria. Um artigo do jornal *Commercio do Paraná* afirmava que essas figuras pitorescas “devem desaparecer de uma cidade que se preza ser culta” (COMMERCIO DO PARANÁ, 20/01/1916). Na alvorada do século, essas figuras não morigeradas, com suas excentricidades, suas “vesâncias” e seu comportamento indesejado pareciam impor um entrave ao projeto de civilização almejado pela elite paranaense.

Infelizmente, muitos desses personagens anônimos, que perambularam pelas ruas da capital,

<sup>5</sup> As linhas de bondes de tração animal foram instaladas em Curitiba em 1887 após um acordo firmado entre a Assembleia Provincial do Paraná e a Clapp & Companhia.

<sup>6</sup> A Praça Eufrásio Correia, antigo Largo da Estação, recebeu seu nome atual em 1888 em homenagem ao promotor público e deputado provincial de Paranaguá. Em 1916, a praça recebeu um lampadário em estilo *art nouveau*, além do chafariz construído pela empresa francesa *Fonderie d'Art du Val d'Osne*.

<sup>7</sup> *Sumpfs* eram bailes populares frequentados principalmente por criadas, soldados, operários e escravos, onde se dançavam a polca e a valsa, muitas vezes acompanhadas de gaitas e sanfonas. Eram uma forma de divertimento barato.

<sup>8</sup> Morigerado – termo frequentemente encontrado na documentação paranaense do século XIX como nos Relatórios dos Presidentes de Província ou dos Secretários de Segurança e Negócios do Interior, e que expressa a ideia de “ordeiro”, “aquele que se comporta de acordo com os costumes”.

com “seus andrajos e sua pungentíssima miséria”<sup>9</sup>, acabaram retirados de circulação e enviados para instituições de isolamento como o Asilo São Luís, a Penitenciária do Ahú, o Leprosário São Roque ou o Hospital Nossa Senhora da Luz.

Assim, na medida em que a cidade crescia, os problemas de uma metrópole também se iam

tornando cada vez mais visíveis. Curitiba não foi, portanto, aquela cidade higienizada e disciplinada que encontramos nos textos mais ufanistas da literatura paranaense, mas uma cidade viva, cheia de contradições e personagens indesejáveis.



## Enfim... “Curitiba: uma cidade pulsante”



Nesse cenário, a Curitiba da segunda metade do século XIX, transitaram diversos personagens emblemáticos como Maria Bueno, o Barão do Serro Azul, Cândido Lopes, Ermelino de Leão, Emiliano Perneta, Cândido de Abreu, Nilo Cairo, Vicente Machado, Victor do Amaral, Doutor Muricy e muitos outros anônimos. Tomadas as proporções, a capital paranaense passava nas últimas décadas do século XIX pela sua *Belle Époque*<sup>10</sup>. Um momento de otimismo, crença na ciência e na civilização. Os modismos arquitetônicos e o surgimento de novos espaços como avenidas, logradouros, cafés, teatros etc.

foram criando novas formas de sociabilidade. Curitiba definitivamente deixava de se assemelhar

a um amontoado de tendas e “casebres miseráveis” e ia ganhando um ar cada vez mais moderno, cosmopolita. Um centro vivo e pulsante encravado na paisagem paranaense.

O *flâneur*<sup>11</sup>, aquele observador despreocupado que descrevia as cidades, não estava restrito apenas às grandes metrópoles como Londres e Paris, ele encontrava-se também nas ruas de Curitiba.



Curitiba do final do século XIX. Cartão postal da Coleção Júlia Wanderley/IHGPR.

(Acervo da Casa da Memória / Diretoria do Patrimônio Cultural / Fundação Cultural de Curitiba)

<sup>9</sup> O trecho citado nesta frase encontra-se num artigo sobre Curitiba no Jornal da Tarde de 05/06/1909 em que o articulista demonstra um profundo desprezo pelas camadas populares.

<sup>10</sup> *Belle Époque* – expressão francesa que designava um tempo de otimismo porque as potências europeias passavam nas últimas décadas do século XIX por um período caracterizado pelo progresso tecnocientífico e por transformações culturais. Considerada uma época de ouro no contexto europeu.

<sup>11</sup> *Flâneur* – era aquele que praticava o ato da “flânerie”, andar sem rumo, sem pressa, observando as ruas, os cafés, os boulevards etc. O termo foi disseminado por Charles Baudelaire sobre a figura do passeador ocioso que *flanava* sobre as ruas da Paris do Segundo Império.

## Referências Bibliográficas

- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo*. São Paulo: Editora da USP, 1980.
- BIGG-WITHER, Thomas. *Novo Caminho no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Olympia, 1974.
- MARTINS, Romário. *Curityba de outr'ora e de hoje*. Curitiba: Monteiro Lobato, 1922.
- POMBO, Rocha. *O Paraná no Centenário*. Curitiba: J. Olympio, 1900.
- REIS, Jayme dos. *Dissertação das principais endemias e epidemias de Curityba*. Rio de Janeiro: Typ. Ribeiro Macedo, 1898.
- REIS, Trajano dos. *Elementos de Hygiene Social*. Curitiba: Typ. Paranaense, 1894.

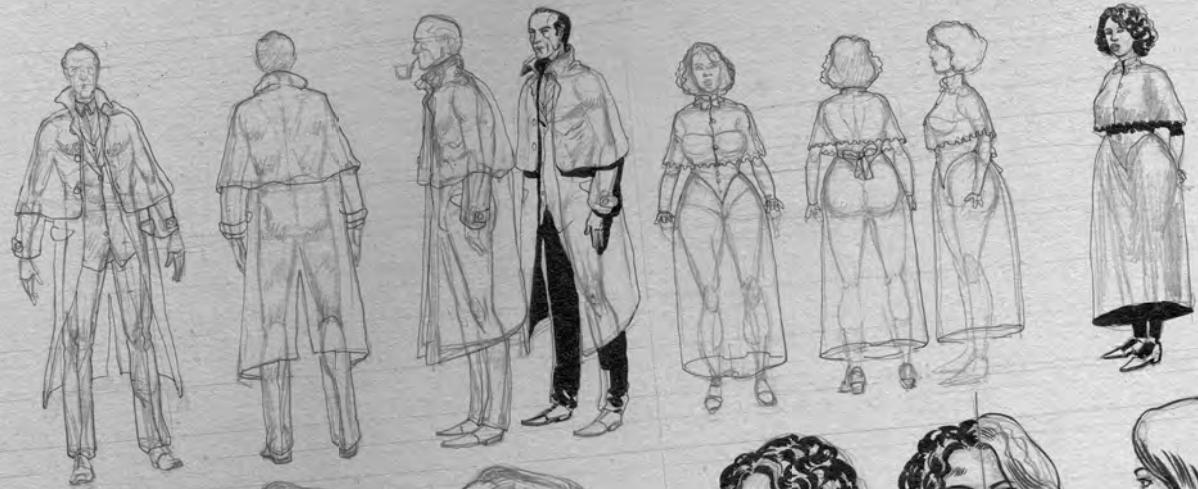


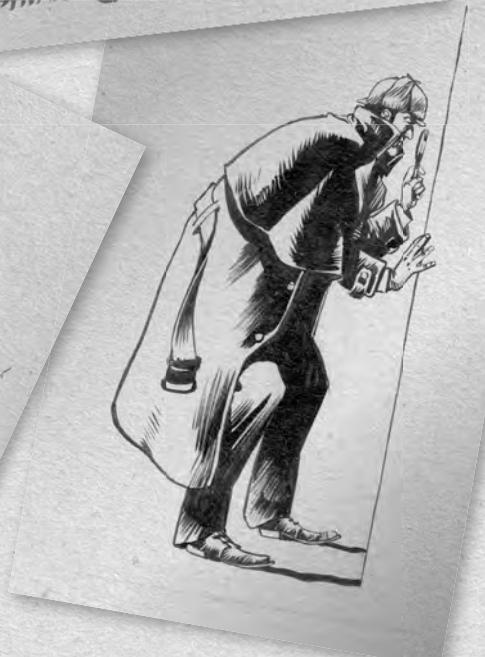
# Artes preliminares

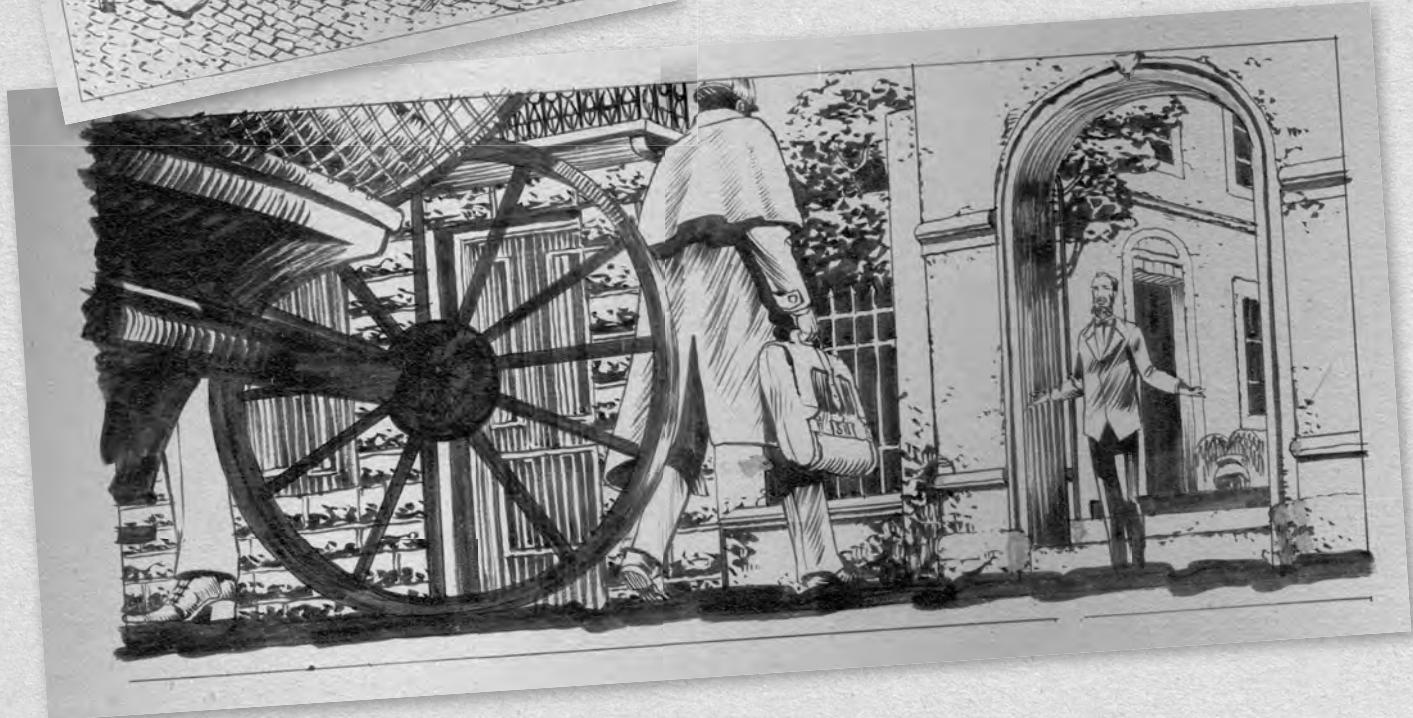
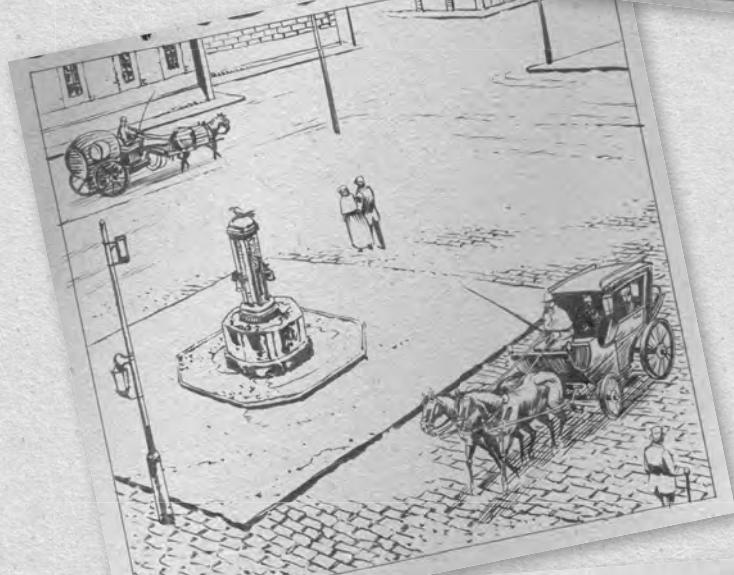


*Artes feitas por André Caliman durante a criação do roteiro.*









27-2-15

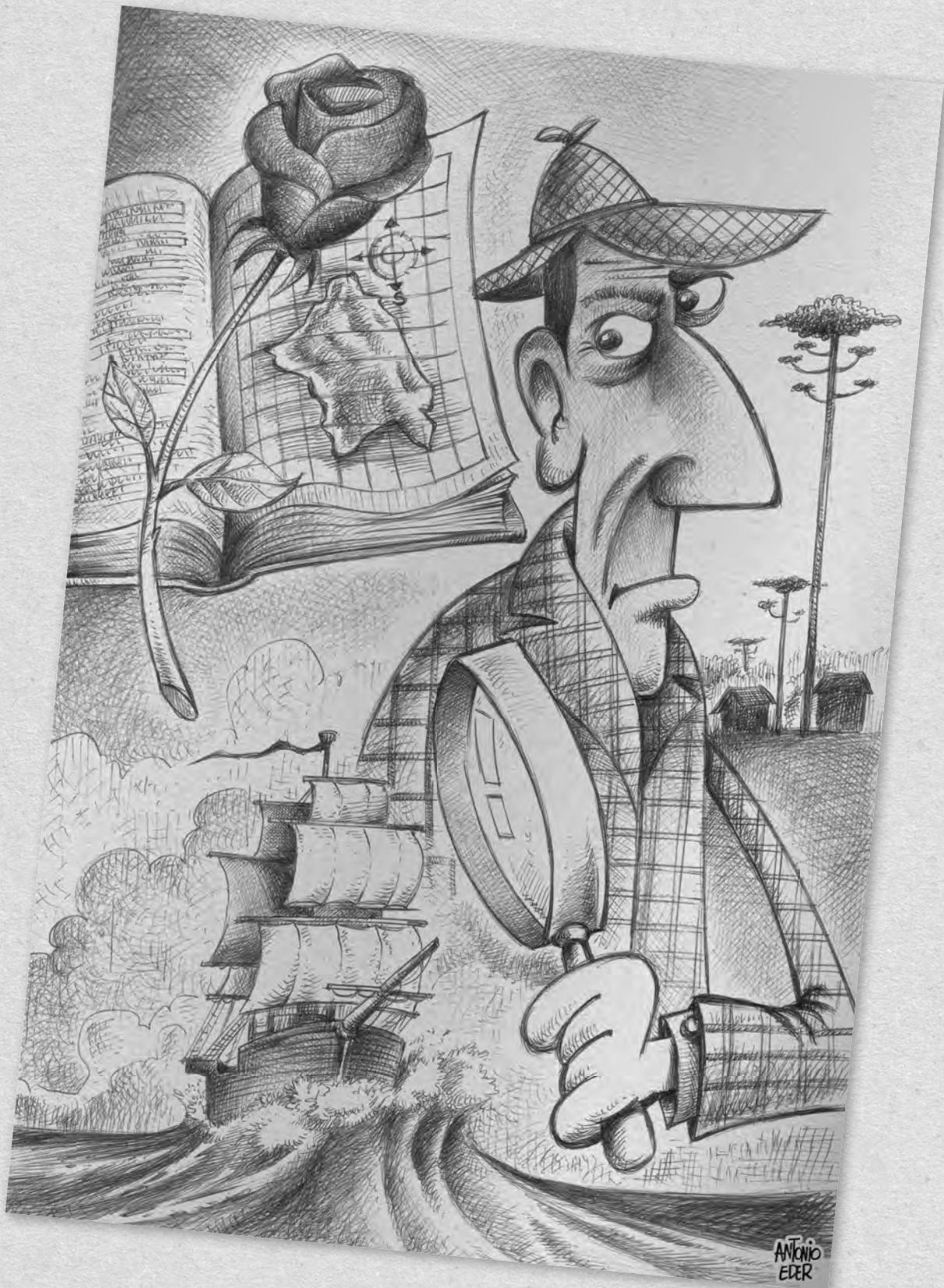
S.H. M.C.C.

PAG 1

- A. CALIMAN



*Arte de Antonio Eder feita especialmente para esta edição.*





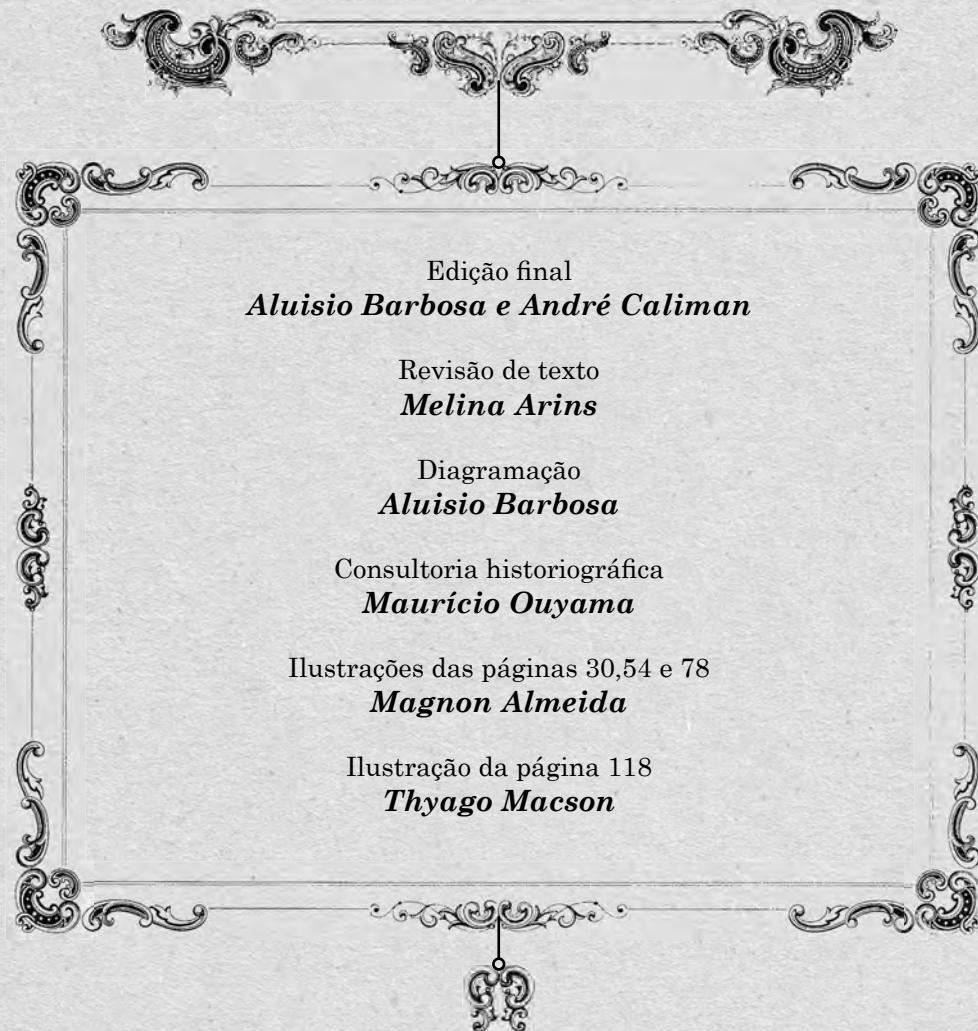


“Quero agradecer aos meus colegas Antonio Eder e Walkir Fernandes pela parceria na idealização deste projeto. Agradeço também a Delphine Dumas, que salvou minha mente e meu coração enquanto este projeto era desenvolvido, e a Eva, que me apresentou ao sr. Sherlock Holmes. Deixo ainda um agradecimento especial a Rafaela Tasca e ao meu grande amigo Rogério Bealpino.”

André Caliman



*Esta obra é uma homenagem ao grande escritor  
Sir Arthur Conan Doyle.*



Edição final  
**Aluisio Barbosa e André Caliman**

Revisão de texto  
**Melina Arins**

Diagramação  
**Aluisio Barbosa**

Consultoria historiográfica  
**Maurício Ouyama**

Ilustrações das páginas 30,54 e 78  
**Magnon Almeida**

Ilustração da página 118  
**Thyago Macson**





*andrecaliman.com/omisteriodopirataavarento*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Migliavacca, André Caliman  
O mistério do pirata avarento / André Caliman  
Migliavacca ; argumento Antonio Eder, Walkir  
Fernandes. -- Curitiba, PR : Andre Migliavacca, 2021.

ISBN 978-65-00-27835-4

1. Ficção brasileira 2. Histórias em quadrinhos  
I. Eder, Antonio. II. Fernandes, Walkir. III. Título.

21-75520

CDD-741.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Histórias em quadrinhos 741.5

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

1<sup>a</sup> edição. Setembro de 2021.

**Copyright © 2021 André Caliman**

***Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, guardada ou transmitida sem a autorização prévia do autor.***



- Br*
- No quadro 2 da página 11, há um cachimbo largado no chão pedregoso.
  - No quadro 1 da página 18, Sherlock Holmes identifica um cheiro característico no perfume da srt. Pacowicz.
  - No quadro 3 da página 24, é possível identificar um gemôto mítico no anel do Barão do Serra Azul.
  - No quadro 3 da página 32, estranhas manchas parecendo marcas de poeira e cagaca da srt. Yra Tamer.
  - No quadro 4 da página 91, rabiscos reveladores provam desbranças da cela onde a srt. Pacowicz está internada.
  - Existem, sem dúvida, muitas outras pistas escondidas neste livro que não constam desta lista. Porém espero que as que aqui descrevo sejam de alguma serventia.

Cordialmente,

Pistas











*No século XIX, as ruas de Curityba são assombradas por um zeloso pirata. Quando mortes começam a ocorrer, um detetive surge para elucidar os mistérios dos gelados trópicos. Ou tentar...*



ISBN: 978-65-00-27835-4



CBL

9

Incentivo:

EBANX



CONFEDERAÇÃO  
NACIONAL

Condor



CURITIBA

"PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA –  
FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA."

Apoio cultural:

